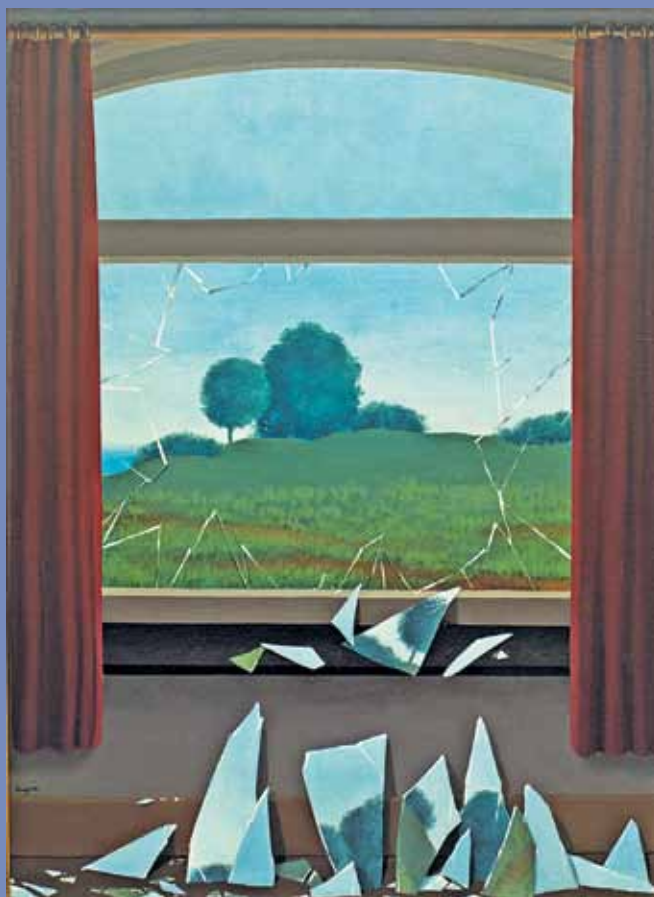


Aranha

DESCOBRINDO A FILOSOFIA



ALBUM/AGG-IMAGES-LATINSTOCK

A chave dos campos (1936), de René Magritte, sugere a liberação do olhar e de todo constrangimento físico ou mental.

- CAPÍTULOS**
- 1 A reflexão filosófica
 - 2 O nascimento da filosofia
 - 3 A condição humana
 - 4 Conhecimento e verdade



Nunca é cedo demais nem tarde demais para filosofar.

Essa conversa ocorreu entre um jovem professor de filosofia e um camponês, num lugarejo da França rural:

— O que o senhor faz? – indaga o camponês.

— Sou professor de filosofia.

— Isso é profissão?

— Por que não? Acha estranho?

— Um pouco!

— Por quê?

— Um filósofo é uma pessoa que não liga para nada... Não sabia que se aprendia isso na escola.

COMTE-SPONVILLE, André.

Dicionário filosófico.

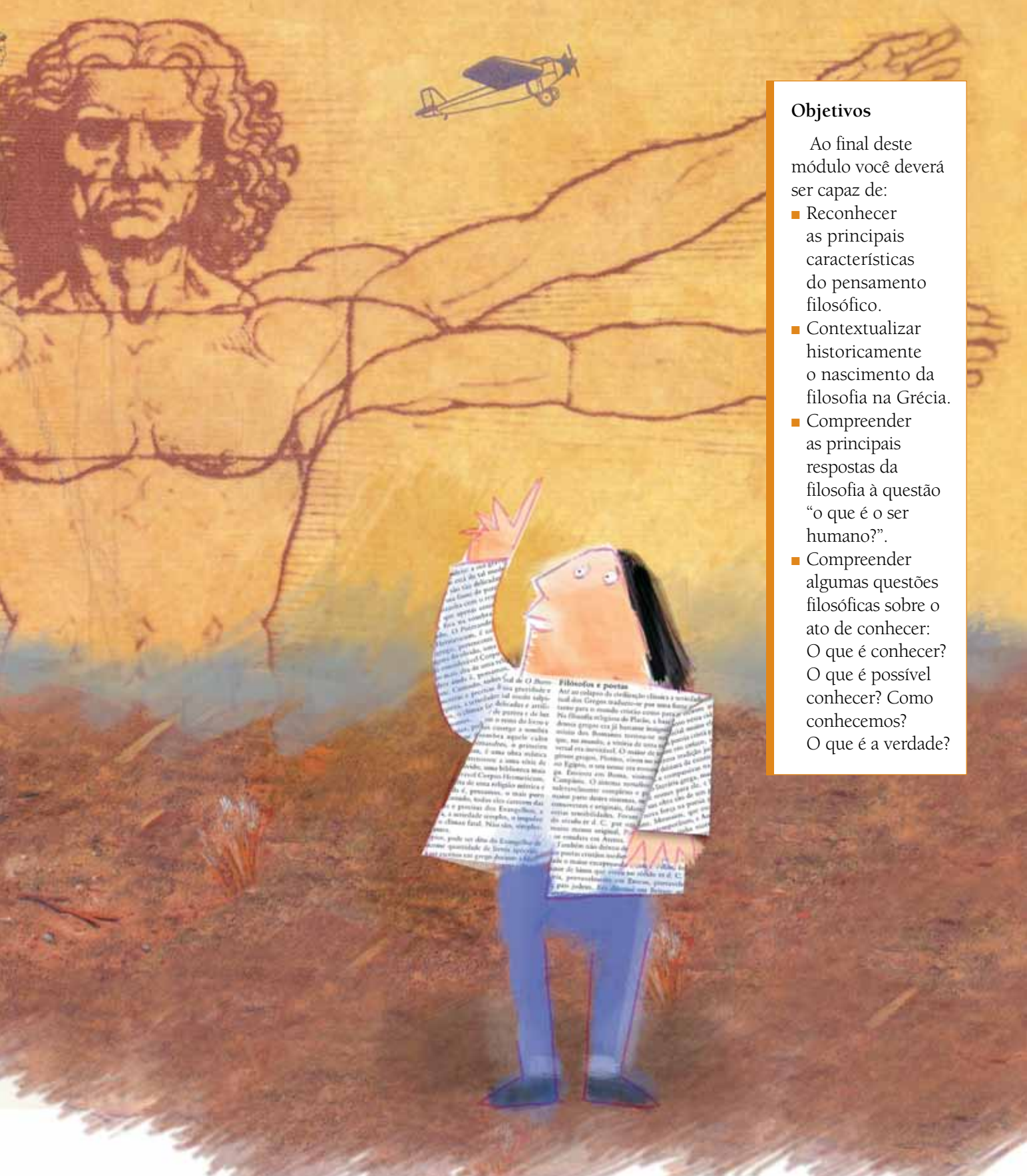
São Paulo: Martins Fontes, 2003.



Professor: Aqueles para quem “já não é possível pensar de modo algum” são os que se recusam à reflexão filosófica, presos que estão ao senso comum ou a certezas indiscutíveis.

O filósofo francês André Comte-Sponville assim comenta o diálogo:

“O que é um filósofo? É alguém que pratica a filosofia, em outras palavras, que se serve da razão para tentar pensar o mundo e sua própria vida, a fim de se aproximar da sabedoria ou da felicidade. E isso se aprende na escola? Tem de ser aprendido, já que ninguém nasce filósofo e já que a filosofia é, antes de mais nada, um trabalho. Tanto melhor, se ele começar na escola. O importante é começar, e não parar mais. Nunca é cedo demais nem tarde demais para filosofar, dizia Epicuro (...). Digamos que só é tarde demais quando já não é possível pensar de modo algum. Pode acontecer. Mais um motivo para filosofar sem mais tardar”.



Objetivos

Ao final deste módulo você deverá ser capaz de:

- Reconhecer as principais características do pensamento filosófico.
- Contextualizar historicamente o nascimento da filosofia na Grécia.
- Compreender as principais respostas da filosofia à questão “o que é o ser humano?”.
- Compreender algumas questões filosóficas sobre o ato de conhecer: O que é conhecer? O que é possível conhecer? Como conhecemos? O que é a verdade?

No decorrer deste módulo vamos tratar de algumas questões levantadas pelos filósofos ao longo dos tempos. Mais do que ensinar sobre o que eles pensaram, nosso propósito é que vocês reflitam a partir desses questionamentos e aprendam a filosofar por si mesmos. A vantagem dessa atitude é o que esperamos que vocês possam descobrir.

Professor: Consulte o Plano de Aulas. As orientações pedagógicas e sugestões didáticas vão facilitar o seu trabalho com os alunos.

CAPÍTULO 1 A reflexão filosófica

1 O que é filosofia?

Antes de respondermos a essa pergunta, vamos partir para outro questionamento: o que é filosofar? De maneira geral, pode-se dizer que, por sermos pessoas racionais e sensíveis, procuramos sempre atribuir sentido às coisas. A esse filosofar espontâneo de todos nós poderíamos chamar filosofia de vida.

Então as questões filosóficas fazem parte do nosso cotidiano? Fazem sim. Quando decidimos votar no candidato de um partido político e não de outro; quando deixamos o emprego bem pago por outro não tão bem remunerado, se bem mais atraente; quando alternamos a jornada de trabalho com a prática de esporte ou com a decisão de ficar em casa assistindo à tevê; quando investimos na educação de nossos filhos, e assim por diante. É preciso reconhecer que existem critérios bem diferentes fundamentando tais decisões.

A propósito desse assunto, o filósofo italiano Antonio Gramsci diz: “não se pode pensar em nenhum homem que não seja também filósofo, que não pense, precisamente porque pensar é próprio do homem como tal”.

A filosofia de vida não se confunde com o tipo de reflexão do filósofo, porque este conhece a história da filosofia e sempre levanta problemas que tenta resolver por meio de argumentos e conceitos rigorosos, que vão além do simples bom senso, além do que chamamos filosofia de vida.

Talvez você esteja se perguntando: como então definir o que é filosofia? Começemos por uma citação do filósofo alemão contemporâneo Edmund Husserl:

“O que pretendo sob o título de filosofia, como fim e campo das minhas elaborações, sei-o, naturalmente. E contudo não o sei... Qual o pensador para quem, na sua vida de filósofo, a filosofia deixou de ser um enigma?... Só os pensadores secundários que, na verdade, não se podem chamar filósofos, estão contentes com as suas definições”.

O que Husserl quer dizer? Que a pergunta “O que é a filosofia?” desencadeia por si mesma uma questão filosófica. Ainda assim, os pensadores arriscam dar respostas, sabendo que são sempre provisórias, porque se aproximam do conceito de filosofia de modo tateante para examinar suas características.

Pitágoras (século VI a.C.), um dos mais antigos pensadores gregos, teria usado pela primeira vez a palavra filosofia (*philo-sophia*), que significa amor à sabedoria. Por essa razão, a filosofia não é pura racionalidade, mas a procura amorosa da verdade.

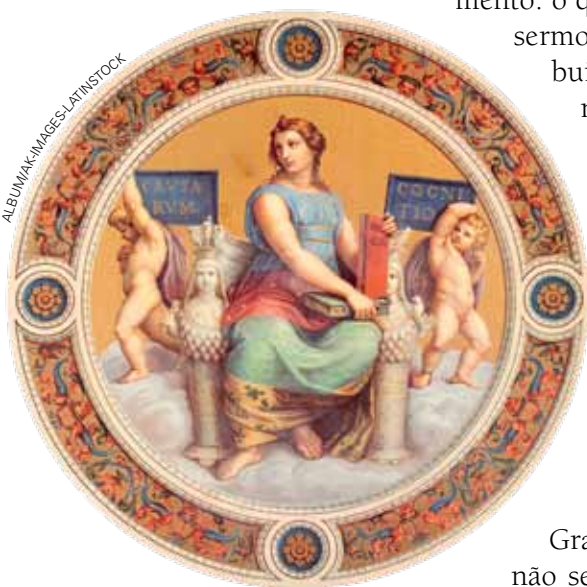


Figura 1 • Filosofia (1508), afresco de Rafael Sanzio. Ao lado dela, anjos carregam tabuletas que lembrarão a base da ciência aristotélica: *causarum cognitio* (conhecimento pelas causas).

Reflita

Tal como a filosofia, a ciência e outras formas de conhecimento também recorrem à reflexão crítica e a conceitos. Só que na experiência filosófica, o filósofo questiona a realidade e usa argumentos para justificar os conceitos a que recorre para buscar o sentido do mundo.

Muitos identificam a filosofia como uma atividade racional e teórica, mas isso não significa que ela esteja à margem do mundo, nem que constitua uma doutrina, um saber acabado, ou que seja um conjunto de conhecimentos incontestáveis.

Pelo contrário, a filosofia pressupõe constante disponibilidade para a indagação. Por isso, segundo Platão, a primeira virtude do filósofo é admirar-se, ser capaz de se surpreender com o óbvio e questionar o que já existe como verdade. Essa é a condição para problematizar, o que marca a filosofia não como posse da verdade, e sim como sua busca.

Kant, filósofo alemão do século XVIII, assim se refere ao filosofar:

“(...) não é possível aprender qualquer filosofia; (...) só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os”.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 407.



Figura 2 • Immanuel Kant (1724–1804).

Podemos dizer então que filosofia é sobretudo uma atitude, um pensar permanente. É uma experiência diferente de um olhar sobre o mundo, no sentido de sempre questionar o já sabido.

1.1 O filosofar

A filosofia surge quando o pensar é posto em causa, tornando-se objeto de reflexão. Não se trata, porém, de qualquer reflexão.

Examinemos a palavra reflexão: quando vemos nossa imagem refletida no espelho, há um “desdobramento”, porque estamos aqui e estamos lá. Refletida pela luz, ela vai até o espelho e retorna — *reflectere*, em latim, significa fazer retroceder, voltar atrás. Portanto, refletir é retomar o próprio pensamento, pensar o já pensado, voltar para si mesmo e questionar o já conhecido.

PHOTOTHÈQUE R. MAGRITTE, “LA CLEF DES CHAMPS”



Reflita

O título *Golconda* refere-se a uma cidade indiana em ruínas conhecida por seus tesouros. Que riqueza pode haver nela, se não há espaço para a diversidade e a criatividade? Seria a obra uma ironia do pintor?

Figura 3 • *Golconda* (1953), de René Magritte. Nessa tela a provável intenção do pintor foi denunciar a massificação que sufoca a inventividade humana.

1.2 Características do pensamento filosófico

O filósofo brasileiro Dermeval Saviani (no livro *Educação brasileira: estrutura e sistema*), na tentativa de se aproximar de uma definição possível, conceitua a filosofia como uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta.

Veja a seguir esses três tópicos.

Radical

Em latim, *radix*, *radicis* significa raiz e, em sentido figurado, quer dizer fundamento, base. A filosofia é, pois, radical, não no sentido corriqueiro de ser inflexível — nesse caso seria a antifilosofia!, mas porque busca explicitar os conceitos fundamentais usados em todos os campos do pensar e do agir. Por exemplo, a filosofia das ciências examina os pressupostos do saber científico: é ela que define o que é ciência, como a ciência se distingue da filosofia e de outros tipos de saber, quais são as características dos diversos métodos científicos, qual a dimensão de verdade das teorias científicas e assim por diante. O mesmo se dá com a psicologia, ao abordar o conceito de liberdade: indagar se o ser humano é livre ou determinado já é fazer filosofia.

Rigorosa

São inúmeros os métodos filosóficos em que se apoiam os pensadores para desenvolver um pensamento rigoroso, justificado por argumentos, coerente em suas diversas partes e sistemático. O filósofo usa de linguagem rigorosa para evitar as ambiguidades das expressões cotidianas, o que lhe permite discutir com outros filósofos a partir de conceitos claramente definidos. Por isso sempre cria expressões novas ou altera o sentido de palavras usuais. Por exemplo, Platão criou o conceito *eidos*, que significa “ideia”, para referir-se à intuição intelectual, distinta da intuição sensível.

No entanto, o conceito de ideia seria reinventado ao longo da história da filosofia, assumindo conotações diferentes em Descartes, Kant, Hegel e assim por diante. Enquanto a “filosofia de vida” não leva as conclusões até as últimas consequências e nem sempre examina os fundamentos delas, o filósofo especialista deve dispor de um método claramente explicitado a fim de proceder com rigor. É assim que se inovam os caminhos de reflexão, tal como o fizeram Platão, Descartes, Espinosa, Kant, Hegel, Husserl, Wittgenstein.

De conjunto

A filosofia é de conjunto, globalizante, porque examina os problemas relacionando os diversos aspectos entre si. Nesse sentido, a filosofia visa ao *todo*, à totalidade. Mais ainda, o objeto da filosofia é tudo, porque nada escapa a seu interesse. Por exemplo, o filósofo se debruça sobre assuntos tão diferentes como a moral, a política, a ciência, o mito, a religião, o cômico, a arte, a técnica, a educação e tantos

Professor: São ramos da ética aplicada: a bioética, a ética ambiental e a ética dos negócios, que refletem, respectivamente, sobre a manipulação do genoma humano, o desastre ecológico e a responsabilidade social das empresas.

Reflita

Você já ouviu falar em ética aplicada? É um ramo contemporâneo da filosofia que discute problemas de natureza prática que, por sua vez, exigem justificção racional. É o caso da nossa responsabilidade pela preservação da natureza discutida na ética ambiental.

outros. Daí seu caráter transdisciplinar, por ser capaz de estabelecer o elo entre as diversas expressões do saber e do agir. Por exemplo, o avanço da biologia genética desperta a discussão filosófica da bioética; a produção artística provoca a reflexão estética e assim por diante.

2 Para que serve a filosofia?

Há quem zombe da filosofia por considerá-la um saber inútil. Afinal, ela é ou não é útil?

Vivemos num mundo que valoriza **pragmaticamente** as aplicações imediatistas do conhecimento. O senso comum aplaude a pesquisa científica que visa à cura do câncer ou da aids; a matemática no ensino médio é considerada importante porque é exigida no vestibular; a formação técnica do advogado, do engenheiro ou das disciplinas está voltada para o exercício de determinada atividade prática. Resultado: não é raro que o estudante se pergunte “Para que estudar filosofia se não vou precisar dela na minha profissão?”.

Glossário

Pragmático. Neste contexto, diz respeito à aplicação prática, à utilidade.

2.1 A necessidade da filosofia

De acordo com essa linha de pensamento, a filosofia seria realmente “inútil”, já que não serve para nenhuma alteração imediata de ordem prática. Sob esse aspecto, ela é semelhante à arte. Se perguntarmos qual é a finalidade de uma obra de arte, veremos que ela tem um fim em si mesma. Entretanto, não ter utilidade imediata não significa ser desnecessário. E tanto a arte como a filosofia são necessárias.

Onde está a necessidade da filosofia? Está no fato de que, por meio da reflexão (aquele desdobrar-se, lembra-se?), a filosofia nos permite ter mais de uma dimensão, além da que é dada pelo agir imediato no qual o indivíduo prático se encontra mergulhado. E assim se torna capaz de superar a situação dada e de “pensar o pensamento”. A filosofia recupera o que foi perdido no imobilismo das coisas feitas e, portanto, mortas, porque já ultrapassadas. A filosofia impede a estagnação.

O filosofar sempre se confronta com o poder, e sua investigação não fica alheia à ética e à política. É o que afirma o historiador da filosofia François Châtelet:

“Desde que há Estado — da cidade grega às burocracias contemporâneas —, a ideia de verdade sempre se voltou, finalmente, para o lado dos poderes (...). Por conseguinte, a contribuição específica da filosofia que se coloca ao serviço da liberdade, de todas as liberdades, é a de minar, pelas análises que ela opera e pelas ações que desencadeia, as instituições repressivas e simplificadoras: quer se trate da ciência, do ensino, da tradução, da pesquisa, da medicina, da família, da polícia, do fato carcerário, dos sistemas burocráticos, o que importa é fazer aparecer a máscara, deslocá-la, arrancá-la...”

CHÂTELET, François. *História da filosofia: ideias, doutrinas*. Rio de Janeiro: Zahar, s. d., v. 8. p. 309.

Atentando para a etimologia do vocábulo grego correspondente à verdade (*alétheia*), encontramos o sentido de “desnudar”, porque a verdade consiste em pôr a nu o que está escondido. A vocação do filósofo é o desvelamento do que está encoberto pelo costume, pelo convencional, pelo poder.

Finalmente, a filosofia exige coragem. Filosofar não é um exercício puramente intelectual. Descobrir a verdade é ter a coragem de enfrentar as formas estagnadas do poder que tentam manter o **status quo**, é aceitar o desafio da mudança.

É bem verdade, alguns dirão, sempre houve e haverá pensadores que bajulam o poder e que emprestam suas vozes e argumentos para defender tiranos. Nesse caso, porém, estamos diante das fraquezas do ser humano, seja por estar sujeito a se enganar, seja por sucumbir ao temor ou ao desejo de prestígio e glória.

3 Um filósofo

Lembremos a figura de Sócrates. Viveu em Atenas no século V a.C. Dizem que era um homem feio, mas quando falava, exercia estranho fascínio. Procurado pelos jovens, passava horas discutindo na praça pública. Interpelava os transeuntes, dizendo-se ignorante, e fazia perguntas aos que julgavam entender determinado assunto. Ao final, o interlocutor concluía não haver saída senão reconhecer a própria ignorância. Dessa maneira, Sócrates conseguiu alguns discípulos, mas também rancorosos inimigos.

Essa primeira parte do seu método, conhecida como ironia, consiste em destruir a ilusão do conhecimento. A ela se segue a maiêutica, centrada na investigação sobre os conceitos. O interessante nesse método é que nem sempre as discussões levam de fato a uma conclusão efetiva. Sabemos disso não pelo próprio Sócrates, que nunca escreveu livros, mas por seus discípulos, sobretudo Platão e Xenofonte.

O destino de Sócrates é conhecido: acusado de corromper a mocidade e negar os deuses oficiais da cidade, foi condenado à morte. A história de sua defesa e condenação à morte é contada no diálogo de Platão, *Defesa de Sócrates*. Em outro diálogo, *Fédon*, Platão relata como, na prisão, o mestre discutia com os discípulos questões sobre a imortalidade da alma.

A partir desse relato, podemos fazer algumas observações:

- Sócrates não está ensimesmado como um pensador alheio ao mundo, e sim na praça pública.
- Seu conhecimento não deriva de um saber acabado, porque é vivo e em processo de se fazer; e tem por conteúdo a experiência cotidiana.
- Guia-se pelo princípio de que nada sabe e, dessa perplexidade primeira, inicia a interrogação e o questionamento de tudo que parece óbvio.
- Ao criticar o saber **dogmático**, não quer com isso dizer que ele próprio seja detentor de um saber. Desperta as consciências adormecidas, mas não se considera um “farol” que ilumina: o caminho novo deve ser construído pela discussão, que é **intersubjetiva**, e pela busca criativas das soluções.
- Sócrates é “subversivo” porque “desnorteia”, perturba a “ordem” do conhecer e do fazer e por isso incomoda tanto os poderosos.

Glossário

Status quo. Expressão latina que significa estado atual das coisas, situação vigente.

Dogmático. Neste contexto, saber baseado em crença não justificada, sem questionamentos.

Intersubjetivo. Entre sujeitos, entre diferentes pessoas.

3.1 Sócrates e a filosofia

Se fizermos um paralelo entre Sócrates e a filosofia, concluiremos que o lugar da filosofia também é a praça pública, por isso sua vocação política. Porque alteradora da ordem, perturba, mesmo quando as pessoas se riem do filósofo ou o consideram simplesmente inútil. Por via das dúvidas, o amordaçam, cortam o mal pela raiz, e até retiram a filosofia das escolas, como costuma acontecer nas ditaduras. Mas há outras maneiras de “matar” a filosofia: quando a tornamos pensamento dogmático e discurso do poder; ou, ainda, quando a consideramos “coisa do passado” ou “fora de moda”; ou quando cinicamente reabilitamos Sócrates morto, já que então se tornou inofensivo.



FRANCIS G. MAYEN/CORBIS/LATINSTOCK

Figura 4 • A morte de Sócrates (1787), de Jacques-Louis David. À espera de sua execução, Sócrates discute com os discípulos sobre a imortalidade da alma.

Vamos terminar este capítulo retomando a *Defesa de Sócrates*, na qual o próprio filósofo se refere às calúnias de que foi vítima. Em certa passagem de sua fala lembra quando esteve em Delfos, local em que as pessoas consultavam o **oráculo** no templo de Apolo para saber sobre assuntos religiosos, políticos ou ainda sobre o futuro. Lá, quando o seu amigo Querofonte consultou a **Pítia** e indagou se havia alguém mais sábio do que seu mestre Sócrates, ouviu uma resposta negativa.

Surpreendido com a revelação do oráculo, Sócrates resolveu investigar por si próprio quem se dizia sábio. Percebeu que essas pessoas apenas supunham ser sábias. Dessa experiência concluiu:

“Mais sábio do que esse homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós [dois] saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o que não sei”.

Platão. *Defesa de Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 15.

Deriva dessa passagem a máxima socrática “só sei que nada sei”, como ponto de partida para o filosofar.

4 Conclusão

Mais que um saber, a filosofia é uma atitude diante da vida, tanto no dia a dia como nas situações-limite que exigem decisões cruciais. Por isso, no encontro com a tradição filosófica, é preferível não recebê-la passivamente como um produto, como algo acabado, mas compreendê-la como processo, reflexão crítica e autônoma a respeito da realidade.

Para Karl Jaspers, filósofo alemão contemporâneo, a filosofia é a procura, mas não a posse da verdade, porque “fazer filosofia é estar a caminho; as perguntas em filosofia são mais essenciais que as respostas e cada resposta transforma-se numa nova pergunta”.

Glossário

Pítia ou Pitonisa.

Sacerdotisa que, em transe, proferia a resposta do deus Apolo às perguntas formuladas.



Oráculo. Resposta da divindade às perguntas de crentes.

Exercícios dos conceitos

- 1 Releia a citação de Edmund Husserl e explique o que ele quer dizer com a aparente ambiguidade segundo a qual ele "sabe", ao mesmo tempo que "não sabe", o que é filosofia.

Não há uma definição única de filosofia, uma vez que ela depende do filósofo, das características, das funções e do alcance filosóficos sempre muito variados. Cada filósofo repensa e reconstrói constantemente o que entende por filosofia.

- 2 À luz da tentativa de definir a filosofia como uma reflexão radical, rigorosa e de conjunto sobre os problemas que a realidade apresenta, responda:

De acordo com o senso comum, radical significa brusco, violento ou inflexível, extremado. Por que não é esse o sentido atribuído ao filósofo?

Não se trata de ser inflexível, mas de buscar explicitar os conceitos fundamentais usados em todos os campos do pensar e do agir. Além dos exemplos da ciência e da psicologia, pode-se citar outros: "o que é política?", "quais as características da democracia?", "o que é arte?", "o que distingue o artista do artesão?" etc.



- 3 Se o objeto da filosofia é tudo, junto com seus colegas procure identificar temas de diferentes campos filosóficos: moral, política etc.

Resposta pessoal. Sugestões: Em moral, é possível perguntar o que é o bem e o que é o mal, o que são valores, se os valores são imutáveis ou relativos etc. Em política, o que é política; se política é distinta da moral; o que é poder, cidadania, democracia etc. Em bioética, que valores são consideráveis em temas relacionados à preservação do meio ambiente, à manipulação genética, aos alimentos transgênicos etc.?

- 4 À luz do que se afirma sobre Sócrates, responda a estas questões:
- a) O que significa a máxima socrática de que “só sei que nada sei”? Ela se refere a Sócrates ou à própria filosofia? Como?
- Rever a resposta do oráculo de Delfos a Querofonte, a partir da qual Sócrates inicia sua tarefa filosófica de indagar a respeito dos conceitos. Tal como Sócrates, a atitude do filósofo não é a de quem sabe de antemão, mas daquele que indaga, questiona tudo que parece óbvio.
- b) Em que consiste o método socrático? Explique.
- O método socrático se divide em dois momentos: o da ironia, em que Sócrates interroga quem diz saber; e o da maiêutica, em que o interlocutor, após reconhecer sua ignorância, inicia a investigação sobre os conceitos.
- c) Os inimigos de Sócrates acusavam-no de corromper a juventude. Que tipo de gente, ou grupo de gente, era e ainda é esse?
- São os inimigos da crítica, da divergência de opiniões, do debate plural. Dentre eles estão os ditadores, que impõem censura a intelectuais, artistas, oposicionistas; religiosos fundamentalistas e radicais convictos da posse da verdade absoluta, à qual não ousam questionar.
- 5 Com esta afirmação, os franceses Denis Huisman e André Vergez nos expõem questões cruciais do nosso tempo.
- “No mundo atual, o esplendor de nossos poderes humanos faz com que se ressalte, numa visão trágica, a ambiguidade de nossos desejos. Somente a filosofia levanta o problema dos valores.”
- O que pretendem dizer as expressões “visão trágica”, “ambiguidade dos desejos” e “problema dos valores”? Explique e exemplifique suas ideias.
- Em face dos acontecimentos que resultam dos “poderes humanos”, nossos desejos múltiplos e difusos se confundem e nos levam a uma “visão trágica” da realidade.
- O que será do equilíbrio ambiental? E as células-tronco, nos levarão aonde? A explosão demográfica é uma ameaça? A mídia é capaz de manipular consciências? Cabe à filosofia refletir eticamente sobre essas questões.
- 6 À luz do que foi discutido sobre a abrangência da reflexão filosófica, comente esta frase de Aristóteles: “Se se deve filosofar, deve-se filosofar e, se não se deve filosofar, deve-se filosofar; de todos os modos, portanto, se deve filosofar”.
- A filosofia é abrangente porque trata de todas as coisas, inclusive dela própria: nada escapa à indagação filosófica. Quando dizemos que “o ser humano deve filosofar” ou exatamente o contrário, que “não deve filosofar”, estamos diante de enunciados que pedem justificações filosóficas.

Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

"Em filosofia, são os próprios conceitos através dos quais compreendemos o mundo que se tornam tópicos de investigação. A filosofia de uma disciplina, como a filosofia da história, da física ou do direito, não procura resolver problemas históricos, físicos ou legais, mas antes estudar os conceitos que estruturam o pensamento em tais disciplinas, e tornar claros os seus fundamentos e pressupostos. Nesse sentido, a filosofia é o que acontece quando uma prática se torna autoconsciente."

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 149.

1 Considerando as informações desse verbete, responda às questões propostas.

a) De que questões se ocupa o historiador?

Ele descreve os acontecimentos ocorridos em determinado tempo e lugar, resultado da pesquisa em documentos disponíveis e baseado em hipóteses para sua explicação.

b) E os filósofos da história, que tipo de questões os inquieta?

A natureza da história; se a história é uma ciência; em que sentido o método da história difere dos métodos de outras ciências; se esses métodos são objetivos ou subjetivos; se existem leis gerais da história.

2 Explique por que, nessa tira de Fernando e Angeli, a filosofia é tão desvalorizada nos tempos atuais.



Figura 5.

Espera-se que os alunos mencionem o pragmatismo que busca aplicações práticas imediatistas na escolha da profissão, o comodismo das respostas prontas, a dificuldade de compreender o sentido da reflexão filosófica e sua importância como um olhar diferente.

- 3 “A verdadeira eloquência zomba da eloquência, a verdadeira moral zomba da moral (...). Zombar da filosofia é, em verdade, filosofar.”

Como você entende essa citação de Pascal?

Orientado por sua vocação crítica e contestadora, o papel do filósofo é questionar sempre o óbvio, o que já foi dado, instituído. Nessa trilha, ele critica os discursos vazios, os comportamentos humanos entorpecidos pelos costumes, bem como a própria filosofia.

- 4 (UFMG) Como narrado no diálogo *Críton, ou do dever*, Sócrates, após ser condenado, aguarda, na prisão, a execução de sua sentença, que consiste em tomar cicuta, pena de morte adotada entre os atenienses. Críton, discípulo do filósofo, propõe-lhe a fuga e o exílio, sob a alegação de que a condenação teria sido injusta. Sócrates recusa a oferta e, entre outras razões, apresenta a seguinte: “(...) viver não é o que mais deve importar, mas viver bem”. (PLATÃO. *Críton, ou do dever*. 48b. In: *Diálogos*. 4. ed. Tradução de José Trindade. Santos/Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.)

Com base na leitura desse trecho, apresente dois argumentos que justifiquem por que, na opinião de Sócrates, no caso, viver bem implica aceitar a morte.

Para Sócrates, viver bem é viver de acordo com suas ideias, é ter coragem de enfrentar a morte com serenidade, sem renegar suas convicções; aceitar a morte é recusar acomodar-se à ordem estabelecida; razão por que ele preferiu enfrentá-la a desobedecer às leis da cidade.

Algumas hipóteses: não renegar seu modo de vida orientado para a crítica dos costumes e do saber não questionado; aceitar a morte com serenidade, porque a alma é imortal; aceitar as leis da cidade, ainda que injustas.

- 5 (UFMG) Leia este trecho.

“(...) a filosofia não é a revelação feita ao ignorante por quem sabe tudo, mas o diálogo entre iguais que se fazem cúmplices em sua mútua submissão à força da razão e não à razão da força” (SAVATER, Fernando. *As perguntas da vida*. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 2).

A partir da leitura desse trecho e de outros conhecimentos sobre o assunto, redija um texto destacando duas características da atitude filosófica.

A filosofia não é um conhecimento, mas uma atitude crítica sobre todos os saberes; ela não impõe verdades, mas pretende persuadir pelo discurso racional, pelo diálogo, mediante a consideração dos argumentos alheios e a exposição dos próprios.

1 Introdução

Costuma-se dizer que os primeiros filósofos foram gregos. Isso significa que, embora reconheçamos a importância de sábios que viveram no século VI a.C. na China (Confúcio e Lao Tsé), na Índia (Buda) e na Pérsia (Zaratustra), suas doutrinas ainda são mais vinculadas à religião do que propriamente à reflexão filosófica.

Neste capítulo veremos o processo pelo qual se deu a passagem da consciência mítica para a consciência filosófica na civilização grega, em um período histórico em que a Grécia ainda se chamava Hélade e era constituída por diversas regiões politicamente autônomas.



Figura 1 • Detalhe do afresco *Escola de Atenas* (1510-11), de Rafael Sanzio. Pitágoras (sentado, com o livro aberto nas mãos) foi o primeiro pensador a ser chamado de filósofo, “amigo do saber”.

RAPHAEL MAX/THE BRIDGEMAN ART-GETTY IMAGES

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Periodização da história da Grécia antiga

- **Civilização micênica** (séculos XX a XII a.C.). Desenvolveu-se desde o início do segundo milênio a.C. Tem esse nome pela importância da cidade de Micenas, de onde, por volta de 1250 a.C., partiram Agamemnon, Aquiles e Ulisses para sitiar e conquistar Troia.
- **Tempos homéricos** (séculos XII a VIII a.C.). Na transição de um mundo essencialmente rural, os senhores enriquecidos formaram a aristocracia proprietária de terras, que fez recrudescer o sistema escravista. Nesse período teria vivido Homero (século IX ou VIII a.C.).
- **Período arcaico** (séculos VIII a VI a.C.). Com a formação das cidades-Estado (pólis), ocorreram grandes alterações sociais e políticas, bem como o desenvolvimento do comércio e a expansão da colonização grega. No início desse período teria vivido o poeta Hesíodo. No final do século VII e durante o século VI a.C. surgiram os primeiros filósofos, os pré-socráticos.
- **Período clássico** (séculos V e IV a.C.). Auge da civilização grega; na política, o apogeu da democracia ateniense; desenvolvimento das artes, literatura e filosofia; época em que viveram os sofistas e os filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles.
- **Período helenístico** (séculos III e II a.C.). Decadência política, domínio macedônico e conquista da Grécia pelos romanos; culturalmente, significativa influência das civilizações orientais na cultura e florescimento das filosofias estoicas e epicuristas.

Glossário

Aedos e rapsodos. Cantores ambulantes que davam forma poética aos relatos populares e os recitavam de cor em praça pública.

2 As epopeias

Os mitos gregos prevaleceram quando ainda não havia escrita, por isso foram preservados pela tradição e transmitidos oralmente pelos **aedos e rapsodos**. Nem sempre os autores desses trabalhos de formalização foram identificados, porque as histórias eram produzidas de modo coletivo e anônimo.

2.1 Homero: a guerra de Troia e o retorno de Ulisses

Homero, um desses poetas, teria sido o autor de dois poemas épicos, as epopeias *Iliada* e *Odisseia*. Existem, no entanto, controvérsias a respeito da época em que ele teria vivido — século IX ou VIII a.C.? —, se é que realmente existiu. Segundo alguns intérpretes, trata-se de obras elaboradas por diversos autores, em razão da diversidade de estilo dos dois poemas e de passagens indicativas de períodos históricos diferentes.

Figura 2 • Ânfora grega retratando cena da *Odisseia*, segundo a qual Ulisses tapa as orelhas de seus marinheiros e os obriga a amarrá-lo fortemente. Assim, pode ouvir a beleza do canto das sereias sem se jogar ao mar enfeitiçado por elas. Esse mito é a metáfora do autodomínio.



WERNER FORMAN/CORBIS-LATIN/STOCK

Refleta

A *Iliada* trata da guerra de Troia (que em grego é *Ílion*) e a *Odisseia*, do retorno de Ulisses a Ítaca, após a guerra de Troia (Odiseus é o nome grego de Ulisses). Por que costumamos chamar de odisseia uma aventura mirabolante?

Professor: Na *Odisseia*, o retorno de Ulisses à ilha de Ítaca, onde o espera sua mulher Penélope, leva dez anos, cheios de aventuras extraordinárias e desafios mortais. Para a leitura dessas narrativas, sugerimos um trabalho interdisciplinar com as áreas de Linguagens e Códigos de Linguagens.

Glossário

Hades. Deus do Mundo Subterrâneo (entre os romanos, chamava-se Plutão). Hades também significa o Mundo dos Mortos.

Na vida dos gregos, as epopeias desempenharam um papel pedagógico significativo. Descreviam a história grega — o período da civilização micênica — e transmitiam os valores culturais mediante o relato das realizações dos deuses e dos antepassados, no qual vem expressa uma concepção de vida. Por isso, desde crianças, os gregos decoravam passagens dos poemas de Homero.

As ações heroicas relatadas nas epopeias mostram a constante intervenção dos deuses, ora para auxiliar o protegido, ora para perseguir o inimigo. No período da civilização micênica, o indivíduo é presa do Destino (*moira*, em grego), que é fixo, imutável e não pode ser alterado.

Assim diz o troiano Heitor:

“Ninguém me lançará ao **Hades** contra as ordens do destino! Garanto-te que nunca homem algum, bom ou mau, escapou ao seu destino, desde que nasceu!”

Ilíada. Apud PEREIRA, Maria Helena Rocha.
Estudos de história da cultura clássica.

3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. v. 1. p. 98 e 101.

Refleta

E para você, a ação humana é regida pelo destino ou pela liberdade?

O herói vivia, portanto, na dependência dos deuses e do destino, faltando a ele a noção de vontade pessoal, de liberdade. Mas isso não o diminuía diante das pessoas comuns, ao contrário, ter sido escolhido pelos deuses era sinal de valor e em nada essa ajuda desmerecia a sua virtude de herói, que se manifesta pela coragem e pela força, sobretudo no campo de batalha. Também se destacava na assembleia dos guerreiros, pelo poder de persuasão de seu discurso. Diferentemente do que hoje entendemos por virtude, para os gregos esse valor correspondia à excelência e à superioridade do *guerreiro belo e bom*, objetivo supremo do herói.

2.2 Hesíodo: as origens dos deuses e do mundo

Hesíodo, outro poeta que teria vivido por volta do final do século VIII e princípios do VII a.C., produziu uma obra com particularidades que tendem a superar a poesia impessoal e coletiva das epopeias. Essas características novas são indicativas do período arcaico, que então se iniciava. Mesmo assim, sua obra *Teogonia* reflete ainda o interesse pela crença nos mitos. Nela, Hesíodo relata as origens do mundo e dos deuses, em que as forças emergentes da natureza vão se transformando nas próprias divindades, à medida que surgem do Caos: a Terra é Gaia, o Céu é Urano, o Mar é Pontos. Esses seres nascem ora por segregação (Gaia se separa de Urano), ora pela intervenção de Eros (o Amor), princípio divino que aproxima os opostos (Urano fecunda Gaia, de quem nascem outros deuses, como Cronos, o Tempo).

3 Uma nova ordem humana

No período arcaico surgiram os primeiros filósofos gregos, por volta de fins do século VII a.C. e ao longo do século VI a.C. Alguns autores chamam de “milagre grego” à passagem da mentalidade mítica para o pensamento crítico racional e filosófico, e destacam o caráter repentino e único desse processo.

Outros, no entanto, criticam essa visão simplista e a-histórica e afirmam que a filosofia na Grécia não é fruto de um salto, do “milagre” realizado por um povo privilegiado, mas é a culminação do processo gestado ao longo dos tempos e que

tem sua dívida com o passado mítico, como veremos mais adiante. Por enquanto, fiquemos com algumas novidades do período arcaico que ajudaram a alterar a visão mítica e contribuíram para o surgimento do filósofo:

- a invenção da escrita e da moeda;
- a lei escrita; e
- a fundação da pólis (cidade-Estado).

3.1 A invenção da escrita

A consciência mítica predomina em culturas de tradição oral, quando ainda não há escrita. Mesmo após seu surgimento, a escrita reserva-se aos privilegiados, aos sacerdotes e aos reis. E geralmente mantém o caráter mágico: entre os antigos egípcios, por exemplo, o hieróglifo era uma espécie de “sinal divino”.

Na Grécia antiga, já existira uma escrita no período micênico, mas que desapareceu após a violenta invasão dórica, no século XII a.C., para ressurgir apenas no final do século IX ou VIII a.C., por influência dos fenícios. Nesse segundo momento, a escrita assumiu função diferente. Suficientemente desligada da influência religiosa, passa a ser utilizada para formas democráticas de exercício do poder.

Enquanto os rituais religiosos eram cheios de fórmulas mágicas, termos fixos e inquestionados, os escritos passaram a ser divulgados em praça pública, sujeitos à discussão e à crítica. Isso não significa que a escrita se tornasse acessível a todos, muito ao contrário, já que a maioria da população era constituída de analfabetos. O que houve naquele momento foi a **dessacralização** da escrita.

A escrita gera nova idade mental porque exige de quem escreve uma postura diferente daquela de quem apenas fala. Como a escrita fixa a palavra, exige mais rigor e clareza, o que estimula o espírito crítico. Além disso, a retomada posterior do que foi escrito — não só de contemporâneos mas de outras gerações — abre os horizontes do pensamento e proporciona o distanciamento do vivido e o confronto das ideias. Portanto, a escrita surge como possibilidade de mais abstração que tenderá a modificar a própria estrutura do pensamento.

Professor: Consulte o Plano de Aulas. As sugestões de atividades interdisciplinares sugeridas poderão tornar suas aulas mais eficazes e prazerosas.

3.2 O surgimento da moeda

Na época da aristocracia rural, de riqueza baseada em terras e rebanhos, a economia era pré-monetária, baseada na troca em espécie. Os objetos usados para troca vinham carregados de simbologia afetiva e sagrada. As relações sociais, impregnadas de caráter sobrenatural, eram fortemente marcadas pela posição social de pessoas consideradas superiores, devido à origem divina de seus ancestrais.

Entre os séculos VIII e VI a.C. deu-se o desenvolvimento do comércio marítimo, decorrente da expansão do mundo grego, com a colonização da Magna Grécia — atual sul da Itália e Sicília — e da Jônia — litoral da atual Turquia.

A moeda apareceu na Grécia por volta do século VII a.C., vindo facilitar os negócios e impulsionar o comércio, ao funcionar como valor universal das mercadorias. Emitida e garantida pela pólis, a moeda fazia reverter seus benefícios para a própria comunidade.

Além desse efeito político de democratização de um valor, a moeda sobrepunha aos símbolos sagrados e afetivos o caráter racional de sua concepção: a moeda se constitui convenção humana, noção abstrata de valor que estabelece a medida comum entre valores diferentes. Nesse sentido, a invenção da moeda desempenha papel revolucionário, por vincular-se ao nascimento do pensamento racional crítico.

Você sabia?

Mythos em grego significa palavra, o que se diz. Antes da escrita, a palavra oral, manifestação da memória de cada um, repete e fixa os acontecimentos do passado remoto e sobrenatural.

Glossário

Dessacralização. Ato de deixar de ser sagrado, religioso. O mesmo que laicizar, tornar laico.

Glossário

Pólis. Cidade-Estado, na Grécia antiga.

3.3 O nascimento da pólis

Entrelaçado a esses eventos, o aparecimento das primeiras pólis, por volta dos séculos VIII e VII a.C., exerceu influência decisiva na vida social e nas relações humanas. A transformação da pólis muito deve aos legisladores Drácon (século VII a.C.), Sólon e Clístenes (século VI a.C.), que sinalizaram uma nova era: a justiça, até então dependente da interpretação da vontade divina ou da arbitrariedade dos reis, torna-se codificada numa legislação escrita. Regra comum a todos, norma racional, sujeita à discussão e à modificação, a lei escrita passa a encarnar uma dimensão propriamente humana.

A originalidade da cidade grega é que ela estava centralizada na ágora (praça pública), espaço onde eram debatidos os problemas de interesse comum. Separam-se na pólis o domínio público e o privado: ao ideal de valor de sangue, restrito a grupos privilegiados em função de ascendência ou fortuna, se sobrepõe a justa distribuição dos direitos dos cidadãos como representantes dos interesses da cidade.

Estava sendo elaborado o novo ideal de justiça, pelo qual todo cidadão tem direito ao poder. A noção de justiça assume caráter político, e não apenas moral, ou seja, não diz respeito apenas ao indivíduo e aos interesses da tradição familiar, mas à sua atuação na comunidade.

A pólis se fez pela autonomia da palavra, não mais a palavra divina dos mitos, para ser comum a todos, como a palavra humana do conflito, da discussão, da argumentação. Expressar-se por meio do debate fez nascer a política, que permite ao indivíduo tecer seu destino na praça pública. A instauração da ordem humana deu origem ao cidadão da pólis, figura inexistente no mundo da comunidade tribal.

A consolidação da democracia

O apogeu da democracia ateniense ocorreu no século V a.C., já no período clássico, quando Péricles governava. No entanto, quando falamos em democracia ateniense, é bom lembrar que a maior parte da população se achava excluída do processo político. Aliás, quanto mais se desenvolvia na Grécia a ideia de cidadania, com a consolidação da democracia, mais a escravidão representava um contraponto indispensável, na medida em que ao escravo eram reservadas as tarefas dos trabalhos manuais e das atividades diárias de sobrevivência.

Professor: Esse assunto vai ser tratado no módulo "Política e Estética". Seria conveniente destacar a ausência: de democracia social, na privação dos bens produzidos; de democracia política, quando muitos se recusam a participar; de democracia econômica, na má distribuição de renda; de democracia jurídica, quando não se mantém o Estado de Direito para todos.

Figura 3 • No alto da Acrópole, o Partenon, templo dedicado à deusa Atena (século V a.C.).

Reflita

Na sua opinião, nas chamadas sociedades democráticas atuais vive-se a plena democracia? O que ainda falta para aperfeiçoá-la?



Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

KEVIN SCHAEFER/CORBIS-LATINSTOCK

Naquela época, Atenas possuía meio milhão de habitantes, dos quais trezentos mil eram escravos e cinquenta mil, metecos (estrangeiros). Excluídas as mulheres e as crianças, restavam apenas 50 mil (10%) cidadãos propriamente ditos, capacitados para decidir por todos. Apesar disso, o que vale enfatizar nesse processo é a mutação do ideal político e uma concepção inovadora de poder, a democracia. Ao se habituarem a discutir em público, na ágora, desenvolvia-se o pensamento racional, argumentativo, mais distanciado das tradições míticas.

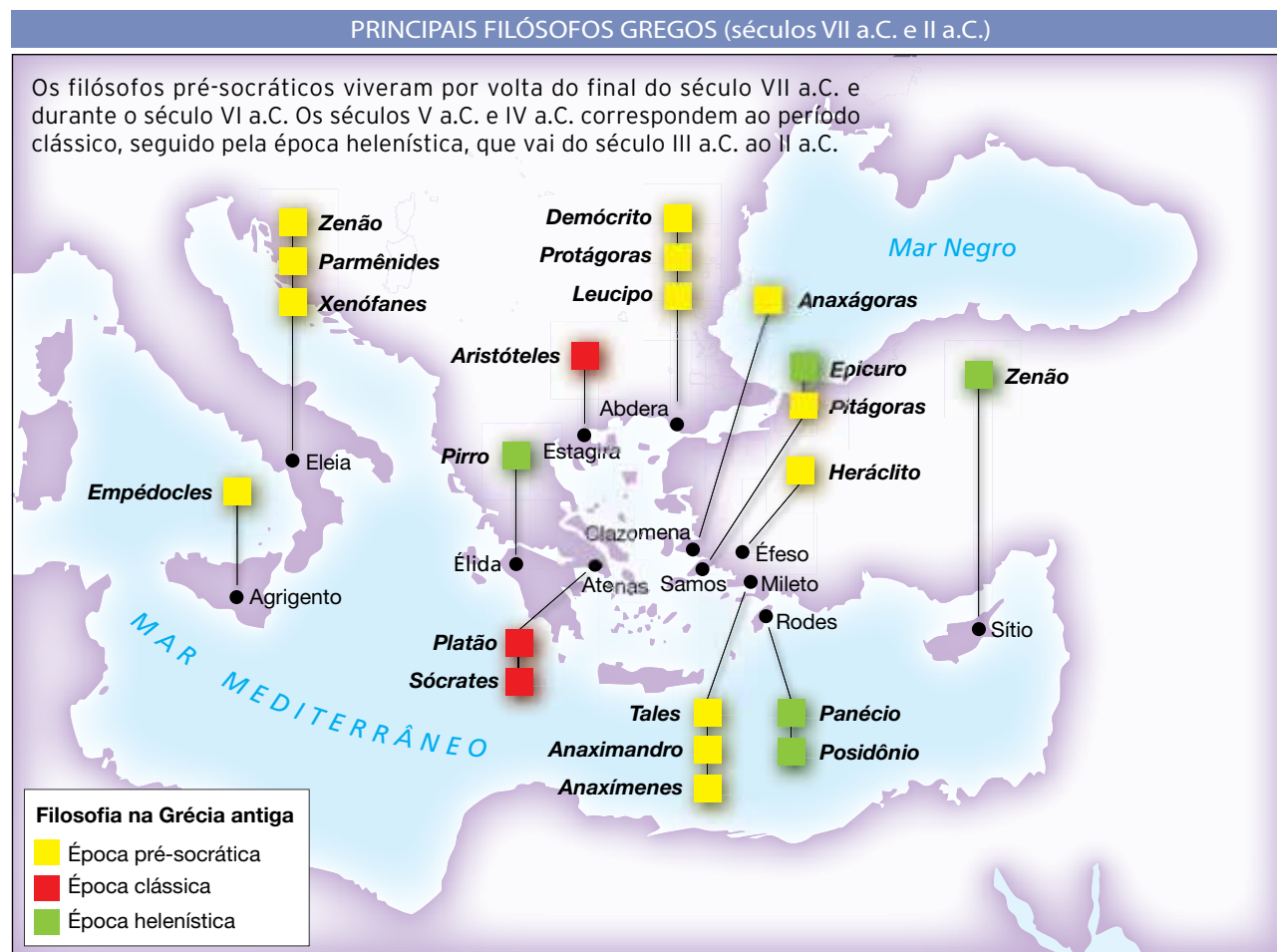
4 Os primeiros filósofos

No início do capítulo, no quadro da periodização da história da Grécia antiga, identificamos a classificação tradicional dos filósofos como pré-socráticos (no período arcaico), socráticos (no período clássico) e pós-socráticos (no período helenístico).

Os primeiros filósofos viveram por volta do final do século VII a.C. e durante o século VI a.C. Mais tarde, foram classificados como pré-socráticos, quando a divisão da filosofia grega se centralizou na figura de Sócrates.

Entre os mais importantes pré-socráticos, destacam-se Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito (das cidades da Jônia); Pitágoras de Samos, que fundou uma escola em Crotona, no sul da Magna Grécia; Xenófanes, Parmênides e Zenão (de Eleia, também Magna Grécia); Leucipo e Demócrito de Abdera; Anaxágoras de Clazomenas; e Empédocles (de Agrigento, na Sicília).

Os escritos dos filósofos pré-socráticos desapareceram com o tempo, e só nos restam alguns fragmentos ou referências que filósofos posteriores lhes fizeram.



Fonte: La enciclopedia del estudiante. Historia de la filosofía. Madrid: Santillana/El País, 2005. v. 18, p. 17.

Glossário

Cosmo (ou cosmos).

Na filosofia grega, a harmonia universal; o universo ordenado e organizado.

Você sabia?

Conhecido como o pai da química, Antoine Lavoisier descobriu que a água é o resultado da combinação de dois elementos: oxigênio e hidrogênio.

Sabemos que geralmente escreviam em prosa, abandonando a forma poética característica das epopeias, dos relatos míticos.

Os primeiros pensadores centravam sua atenção na natureza e elaboraram diversas concepções de cosmologia, procurando a racionalidade constitutiva do Universo. Em face da possibilidade de o **cosmo** ter emergido do caos, os pré-socráticos buscam o princípio (em grego, a *archê*) de todas as coisas, entendido não como aquilo que antecede no tempo, mas como fundamento do ser. Buscar a *archê* é explicar qual é o elemento constitutivo de todas as coisas.

São as mais variadas as respostas dos filósofos à questão do fundamento das coisas, da *archê*, a unidade que pode explicar a multiplicidade. Para Tales, é a água; para Anaxímenes, é o ar; para Demócrito, é o átomo; para Empédocles, são os quatro elementos, terra, água, ar e fogo. A teoria dos quatro elementos foi a mais difundida e aceita até o século XVIII, quando o cientista francês Lavoisier contestou sua validade.

Mesmo considerando que a filosofia nascente se separava do mito, se retomarmos a descrição feita por Hesíodo na sua *Teogonia*, veremos uma certa continuidade na estrutura do pensamento pré-socrático, quando procura explicar a maneira pela qual o Cosmo emerge do Caos. E o fazem retomando a ideia mítica de uma unidade primeira de onde a natureza surge, por segregação ou união. Dos opostos quente e frio, seco e úmido, surgem o fogo, o ar, a terra e o mar. Mas os opostos se unem e se opõem (pelas forças antagônicas do Amor e do Ódio), provocando o ciclo sempre renovado dos fenômenos naturais, como as estações do ano, o nascimento e a morte de todas as coisas.

5 Conclusão

Embora existam aspectos de continuidade entre o mito e a filosofia nascente dos pré-socráticos, o pensamento filosófico é algo muito diferente do mito, por resultar de uma ruptura quanto à atitude diante do saber. Enquanto o mito é uma narrativa cujo conteúdo não se questiona, a filosofia problematiza e, portanto, convida à discussão. No mito a inteligibilidade é dada, na filosofia ela é procurada. A filosofia rejeita o sobrenatural, a interferência de agentes divinos na explicação dos fenômenos. Ainda mais: a filosofia busca a coerência interna, a definição rigorosa dos conceitos, organiza-se em doutrina e surge, portanto, como pensamento abstrato.



Exercícios dos conceitos

- 1 Explique qual é o sentido das citações a seguir, tendo em vista a concepção de ser humano transmitida pelas epopeias.

a) “Eu sou uma divindade que te guarda sem cessar, em todos os trabalhos”, diz a deusa Atena a Ulisses.

As ações heroicas relatadas nas epopeias mostram a constante intervenção dos deuses, ora para auxiliar o protegido, ora para perseguir o inimigo. Ter sido escolhido pelos deuses em nada desmerecia a virtude do herói. No caso, Ulisses era protegido da deusa Atena.

b) “Não sou eu o culpado, mas Zeus, o Destino e a **Erínia**, que caminha na sombra”, diz Agamemnon, rei de Micenas, depois de um desvario momentâneo, durante a guerra de Troia.

No período da civilização micênica, o indivíduo é presa do Destino, que é imutável, não pode ser alterado. Faltava ao herói Agamemnon a noção de vontade pessoal, de liberdade.

Glossário

Erínia. Deusa da vingança, também chamada Fúria.



- 2 “Em todas as literaturas, a prosa é posterior ao verso, como a reflexão o é à imaginação. A literatura grega não faz exceção à regra, antes a acentua, pois o desnível cronológico entre ambas deve importar uns três séculos.” (M. Helena Rocha Pereira)

a) A que obras em verso se refere o texto? E a que obras em prosa?

b) Quando aparecem o verso e a prosa na cultura grega?

c) O que o texto quer dizer com a oposição entre imaginação e reflexão?

Em todos os povos o mito se expressa por meio de versos (por exemplo, as epopeias) e se baseia na imaginação. Já a filosofia é expressa em prosa, é argumentativa e portanto reflexiva. As epopeias são provavelmente dos séculos IX ou VIII a.C. e os filósofos pré-socráticos surgem no final do século VII e ao longo do século VI a.C.

- 3 Qual é a importância da ágora para o desenvolvimento da democracia na Grécia antiga? E nas democracias contemporâneas, em que constituiriam nossas “ágoras”?

A ágora era a praça pública, espaço onde os cidadãos se reuniam na assembleia democrática e eram debatidos os problemas de interesse comum. Nas democracias contemporâneas, temos as assembleias legislativas (vereadores, deputados, senadores), expressão da vontade do eleitor pelo voto, além dos espaços de manifestação popular (a mídia, os movimentos de rua, as instituições representativas etc.).

- 4 Neste fragmento de Empédocles, há elementos que denotam ruptura com o pensamento mítico. Identifique-os.

“Esta [luta das duas forças] é manifesta na massa dos membros humanos: às vezes, unem-se pelo amor todos os membros que atingiram a corporeidade, na culminância da vida florescente; outras, divididos pela cruel força da discórdia, erram separados nas margens da vida. Assim também com as árvores e peixes das águas, com os animais selvagens das montanhas e os pássaros mergulhões levados por suas asas.” (Apud G. BORNHEIM. *Os filósofos pré-socráticos*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 70)

Empédocles não se refere a forças divinas e sim naturais, explicando a origem das coisas por meio da união (do amor) ou por segregação (divididos pela força

Professor: O contraponto desta questão se encontra no teste de vestibular no final deste capítulo, que pede os elementos de continuidade entre filosofia e mito.

Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

- 1 Construa uma linha do tempo.
- a) Escolha a unidade de tempo que você vai utilizar.
 - b) Indique as civilizações marcadas pelo aparecimento e desenvolvimento da escrita.
 - c) Inclua no esquema exemplos de civilizações para as quais a escrita não teve importância.

Professor: Os esquemas de linha do tempo, bastante utilizados em História, vão facilitar a periodização e a contextualização do surgimento da escrita. Se achar conveniente, recomende aos alunos uma pesquisa. Mais explicações no Plano de Aulas.

Professor: Sugerimos que os alunos consultem os índices de analfabetismo do Brasil e do mundo, bem como os do analfabetismo funcional, em que as pessoas aprendem a ler, mas não entendem o que leem. Numa sociedade cada vez mais letrada, o analfabetismo significa não ter acesso a emprego e inserção social, sobretudo na sociedade da informação. Hoje em dia, com a disseminação da internet, acrescenta-se

2 Na Grécia antiga, o surgimento da escrita condicionou o nascimento da filosofia. Em que medida os altos índices de analfabetismo de hoje constituem um obstáculo ao desenvolvimento da consciência crítica de seus cidadãos?

3 (UEL) “Há, porém, algo de fundamentalmente novo na maneira como os Gregos puseram a serviço do seu problema último – da origem e essência das coisas – as observações empíricas que receberam do Oriente e enriqueceram com as suas próprias, bem como no modo de submeter ao pensamento teórico e causal o reino dos mitos, fundado na observação das realidades aparentes do mundo sensível: os mitos sobre o nascimento do mundo” (JAEGER, W. *Paideia*. Tradução de Artur M. Parreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 197).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a relação entre mito e filosofia na Grécia, é correto afirmar:

- a) Em que pese ser considerada como criação dos gregos, a filosofia se origina no Oriente sob o influxo da religião e apenas posteriormente chega à Grécia.
- b) A filosofia representa uma ruptura radical em relação aos mitos, uma nova forma de pensamento plenamente racional desde suas origens.
- c) Apesar de ser pensamento racional, a filosofia se desvincula dos mitos de forma gradual.
- d) Filosofia e mito sempre mantiveram uma relação de interdependência, uma vez que o pensamento filosófico necessita do mito para se expressar.
- e) O mito já era filosofia, uma vez que buscava respostas para problemas que até hoje são objeto da pesquisa filosófica.

4 Justifique com argumentos a escolha da alternativa assinalada.

Existe ruptura entre filosofia e mito, mas também certa continuidade: os

pré-socráticos retomam, da descrição feita por Hesíodo na sua *Teogonia*, a ideia de uma unidade primeira de onde a natureza surge, por segregação ou união: dos opostos quente e frio, seco e úmido, surgem o fogo, o ar, a terra e o mar; e que os opostos se unem e se opõem pelo Amor e o Ódio, e assim por diante.

o problema dos analfabetos digitais.

Professor: A resposta à questão 3 é semelhante à do exercício 4 da série “Exercício dos conceitos”. Naquela, pede-se o elemento de ruptura entre filosofia e mito e, nesta, investiga-se o elemento de continuidade. “O amor e o ódio, as duas forças naturais de união e divisão da doutrina de Empédocles, têm a mesma raiz espiritual do eros cosmogônico de Hesíodo”, diz o helenista Jaeger.

Redação

Em seu caderno, escreva uma dissertação sobre o tema “A filosofia é filha da cidade”. Nela você deve descrever e justificar a vinculação entre o nascimento da pólis e da filosofia.

Professor: Neste capítulo ofereceram-se pistas sobre a relação entre o aparecimento das *póleis* e o surgimento da filosofia. Por exemplo, temas como a escrita, as leis, a ágora, a democracia, a cidadania, a autonomia da palavra argumentativa, o ideal de justiça etc.



ALBUM/AKG-LATINSTOCK

Figura 1 • De onde viemos? O que somos? Para onde vamos? (1897), de Paul Gauguin. Essa pintura lembra as indagações de Kant: “O que posso saber?”; “O que devo fazer?”; “O que devo esperar?”, resumidas na questão antropológica “O que é o ser humano?”.

1 Introdução

O que é natureza humana? No dia a dia, nem sempre temos muita clareza sobre esse conceito, mesmo porque não examinamos as ideias que estão por detrás de nossas convicções mais comuns. Mas se prestarmos atenção a elas, poderemos descobrir os pressupostos teóricos que as embasam. Vejamos alguns exemplos:

- Não adianta tentar mudar o mundo: desde que o ser humano existe, há pobres e ricos (pressupõe uma concepção estática da história: a natureza humana é imutável.)
- Não somos nada sem a graça de Deus (pressuposto religioso de que o ser humano nada é sem a fé e a intervenção divina.)
- É preciso não se deixar arrastar pelas paixões (pressupõe-se que o ser humano seja por excelência racional e que as paixões são fraquezas.)
- Não adianta lutar contra o destino: o que tem de ser, será (pressupõe a predestinação: o ser humano não é livre.)



Figura 2.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

1992 WATTERSON/DIST. BY ATLANTIC SYNDICATION/UNIVERSAL PRESS SYNDICATE

Nesses exemplos, há algumas concepções sobre a natureza humana. Nem sempre elas são explicitadas, seja porque as recebemos sem crítica da herança cultural, seja porque a experiência de vida nos levou a pensar assim. Neste capítulo, vamos refletir sobre os pressupostos teóricos dessas convicções.

2 Tornar-se humano

Diferentemente dos animais, cujos atos são sempre os mesmos para cada indivíduo da espécie e que não mudam ao longo do tempo, nós desenvolvemos comportamentos diversificados e precisamos da educação para nos tornarmos propriamente humanos. Muitos são os exemplos dados por antropólogos e por psicólogos sobre crianças que, sem a intervenção dos adultos, permanecem como se fossem animais.

É o caso da norte-americana Helen Keller (1880-1968), nascida cega e surda e que aos sete anos ainda vivia como um pequeno bicho. Seus pais contrataram a professora Anne Sullivan, que, ao lhe tornar possível a compreensão dos símbolos, introduziu-a no mundo propriamente humano. A partir daí, Helen Keller completou sua formação escolar até a universidade, escreveu diversos livros autobiográficos e fez inúmeras conferências pelo mundo.

Esse caso extremo serve para ilustrar o processo de socialização pelo qual cada criança recebe a herança cultural, sempre mediada pelos outros. A interação entre o social e o pessoal deve orientar o tempo todo o percurso humano, tanto para o desenvolvimento de sua individualidade, como de inserção na sociedade em que vive.

2.1 A linguagem simbólica

De posse de instrumentos simbólicos, o ser humano é capaz de criar necessidades novas e agir sobre a natureza. O resultado dessa transformação chama-se cultura. A produção da cultura requer a linguagem simbólica cujos signos são as palavras, os números, as notas musicais etc. Os signos são invenções por meio das quais lidamos abstratamente com o mundo que nos rodeia. Depois de criados e aceitos por todo o grupo, como convenção, possibilitam o diálogo, a interação entre as pessoas.

Os símbolos permitem o distanciamento do mundo concreto e a elaboração de ideias abstratas: com o signo “casa”, por exemplo, designamos não só determinada casa, mas qualquer casa.

Graças à linguagem simbólica, é possível representar o mundo e tornar presente o que está ausente. Por ela somos introduzidos na temporalidade, que nos permite, pelo pensamento, relembrar o passado e antecipar o futuro. A linguagem simbólica nos insere no mundo como seres históricos.

A linguagem simbólica possibilita ainda o desenvolvimento da técnica e, consequentemente, do trabalho, meio sempre renovado de intervenção na natureza. Ao reproduzir os procedimentos já utilizados por seus ancestrais e ao inventar outros novos, o ser humano trabalha e transforma a natureza e a si próprio.

- **Trabalho.** Chamamos de trabalho humano a ação dirigida por finalidades conscientes pela qual transformamos a nós mesmos e a realidade em que vivemos. Se um João-de-barro constrói sua casinha sempre da mesma maneira, segundo padrões fixados pelo instinto, a história humana, ao contrário, é rica de possibilidades criativas: desde os mais simples casebres até os mais luxuosos palácios, toda construção é invenção humana.

Você sabia?

A palavra *infância* vem do latim *infans, infantis*, que significa aquele que não sabe falar. Por isso, educar uma criança é introduzi-la no mundo da linguagem, do símbolo.

Refleta

A linguagem humana abre as portas para o imaginário, para a invenção, para a metáfora. Que situações poderiam ilustrar esses casos?

Professor: Os jogos de faz de conta; as metáforas, os símbolos: pomba = paz; balança = justiça; cruz = cristianismo etc.; e as obras de ficção.

3 A questão antropológica

Na sua longa caminhada, o ser humano construiu as mais diversas representações de si próprio, na tentativa de explicar o mundo que o cerca e saber agir sobre ele.

A questão antropológica — o que é o ser humano? — é a primeira que se coloca em qualquer situação vivida. Isso não significa que nos fazemos essa pergunta antes de qualquer ação e pensamento, conforme já vimos no início do capítulo. A questão antropológica é a primeira no sentido filosófico de princípio, de fundamento de qualquer ação. Ou seja, se examinarmos bem qualquer teoria ou atividade humana, poderemos descobrir qual é a ideia de ser humano que a sustenta.

- **Antropologia.** Termo originado do grego *ánthropos* (homem) e *logos* (teoria, ciência).
- **Antropologia científica.** Ciência que estuda as diferentes culturas quanto aos mais diversos aspectos (relações familiares, estruturas de poder, costumes, tradições, linguagem etc.); engloba a etnografia e a etnologia.
- **Antropologia filosófica.** Questiona o que é o ser humano e o conceito que ele faz de si próprio.

Nas sociedades tribais e nas culturas tradicionalistas da Antiguidade, como o Egito e a China, o conceito que as pessoas têm de sua humanidade não é posto em discussão. A tradição define os modelos de ideias e de condutas transmitidos pelos depositários do saber, sejam eles o xamã, o sacerdote, o escriba ou o mandarim.

No entanto, à medida que as sociedades se tornam mais complexas, o conceito predominante de humanidade também varia. Quando a cultura sofre crises, ao romper com antigas certezas, o questionamento obriga as pessoas a buscarem novas representações do mundo e de si mesmas.

Por exemplo, a teoria heliocêntrica de Copérnico (séc. XVI), reafirmada por Galileu no século seguinte, rompeu com o geocentrismo, mas, de início, não foi fácil às pessoas aceitar que o planeta era apenas mais um, entre outros, girando em torno do Sol, após séculos de crença de que a Terra — e nela o ser humano — ocupava o lugar privilegiado de centro do Universo.

Do mesmo modo, a imprensa, a partir do século XVI, representou uma novidade que permitiu ampliar o acesso à cultura. Ou, ainda, no século XX, o impacto dos meios de comunicação, que difundem a informação com velocidade inigualável, provocou significativa transformação na maneira de pensar e agir.

Refleta

Desde o final dos anos de 1960 e meados de 1970, desencadeou-se a chamada revolução da tecnologia da informação, envolvida pela teia das **infovias**. Desde então, têm sido incessantes as mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais.

Glossário

Infovia. Infraestrutura para transmissão de dados (voz e imagens) por fibra óptica.

4 Concepções de ser humano

As diversas concepções de ser humano ao longo da história influenciaram de maneira diferente o comportamento das pessoas. Por isso, em todas as atividades transformadoras, tais como na política, na pedagogia ou na moral, é preciso estarmos atentos à antropologia filosófica a elas subjacente. Observe, por exemplo, que seus pais educam você de acordo com a concepção de ser humano que desejam formar.

A questão sobre o que é o ser humano tem preocupado os filósofos desde tempos remotos. Vamos destacar aqui duas tendências opostas: as teorias essencialistas e aquelas que as criticam.

4.1 Teorias essencialistas

Grande parte das teorias filosóficas surgidas já na Antiguidade e ainda presentes em nossos dias é essencialista, por defender a concepção metafísica da natureza humana.

- **Metafísica.** Parte da filosofia que estuda o ser enquanto ser independentemente de suas determinações particulares. Para Aristóteles, é a “filosofia primeira”, que fornece a todas as outras ciências os princípios dos quais dependem. São questões metafísicas a essência do ser, do mundo, da alma, de Deus.

Na Grécia Antiga, os principais representantes dessa corrente essencialista foram Platão e Aristóteles. De maneiras diferentes, eles buscam a essência, aquilo que caracteriza cada ser, que faz com que cada coisa seja o que é. Por exemplo, o conceito de humanidade é por eles compreendido a partir de uma natureza imutável: existe uma essência humana, um modelo a ser atingido pela educação.

Para Platão (427-347 a.C.), a verdadeira realidade encontra-se no mundo das ideias, lugar da essência imutável de todas as coisas. Os seres são apenas cópias desses **arquétipos** e se aperfeiçoam à medida que se aproximam daquele modelo ideal. Para exemplificar: mesmo existindo inúmeros tipos de pessoas, a ideia de humanidade é uma e imutável.

Para Aristóteles (385-322 a.C.), todo ser tende a tornar atual a forma que tem em potência. Se enterrada, a semente transforma-se no carvalho que era em potência. Transposta para os seres humanos, essa concepção lhes atribui formas em potência a serem atualizadas. Sua natureza essencial realiza-se aos poucos, em direção ao pleno desenvolvimento do que eles devem ser. Tanto para Platão como para Aristóteles, a plenitude humana coincide com o aperfeiçoamento da razão.

As ideias da filosofia grega repercutiram na Idade Média. Porém, como esse período foi fortemente marcado pelo pensamento religioso, a razão encontrava-se submetida à fé. É nesse sentido que Tomás de Aquino (1225-1274) diz: “O bem objetivo, único capaz de proporcionar à natureza humana a felicidade perfeita, é Deus. A razão, secundada pela revelação, mostra o caminho que se deve seguir para alcançá-lo”.

Para os cristãos, o ser humano, concebido como criatura divina, está de passagem pela Terra e deve cuidar da salvação da alma para merecer a vida eterna ao lado de Deus. Ideias como essas influenciaram decisivamente o mundo ocidental.

4.2 Crítica às concepções tradicionais

A concepção essencialista da natureza humana percorre toda a tradição filosófica do mundo ocidental. Passou por algumas tentativas esparsas de críticas, mas ainda hoje tem seus adeptos.

Marx: somos seres históricos

No século XIX, o pensador alemão Karl Marx rejeitou explicitamente a concepção de natureza humana universal. Para ele são as condições econômicas que definem os modelos sociais em circunstâncias historicamente determinadas. Desse modo, critica o caráter abstrato das concepções metafísicas, recusando-se a definir o ser humano “em si”, para compreendê-lo como alguém real que existe em determinado contexto histórico-social.

Você sabia?

A partir da modernidade, a metafísica foi alvo de muitas críticas filosóficas. No século XVIII o inglês Hume dizia que os textos de metafísica deveriam ser “lançados às chamas, pois nada poderão conter senão sofismas e ilusões”.

Glossário

Arquétipo. *Modelo.*



Figura 3 • Detalhe do afresco *Escola de Atenas*, de Rafael Sanzio, em que Platão aponta para cima (o mundo das ideias), enquanto Aristóteles indica a realidade que o cerca.



JOÃO CANDIDO PORTINARI/PROJETO PORTINARI

Figura 4 • Retirantes (1944), painel de Candido Portinari. Na terra rústica, desolada e seca, os retirantes espelham o sofrimento do abandono à própria sorte.

Portanto, somos seres práticos e nos definimos pelo que produzimos por meio do trabalho coletivo, o que significa não haver, de um lado, a essência e, de outro, a existência humana. Ao se relacionarem no âmbito social, as pessoas criam valores e traçam objetivos de vida a partir dos desafios encontrados nas atividades pelas quais produzem sua própria existência. Assim, as concepções de ser humano são diferentes nas sociedades em que predominam a escravidão, a servidão ou a cidadania. Por isso mesmo essas concepções variaram na aristocracia antiga, no feudalismo, na vigência do capitalismo e, segundo Marx, haveriam de mudar com a implantação do socialismo.

Nietzsche: o ser humano é um andarilho

Ainda no século XIX, diversos pensadores refletiram a respeito da concretude da vida humana na realidade cotidiana. O filósofo alemão Nietzsche, comparando o ser humano a um andarilho, diz: “Quem chegou, ainda que apenas em certa medida, à liberdade da razão, não pode sentir-se sobre a Terra senão como andarilho, embora não como viajante em direção a um alvo último: pois este não há. Mas bem que ele quer ver e ter os olhos abertos para tudo o que propriamente se passa no mundo; por isso não pode prender seu coração com demasiada firmeza a nada de singular; tem de haver nele próprio algo de errante, que encontra sua alegria na mudança e na transitoriedade”.

Os instrumentos sociais domesticam o indivíduo para que ele aja de acordo com valores dados. Em contraposição, o filósofo valoriza o espírito livre, que recusa a imposição de normas e as fórmulas prontas de ideias e de comportamento. Não se trata de desprezo pelos valores, mas de uma atitude vital de constante questionamento: o ser humano deve ser um criador de valores.

Sartre: construímos nossa existência

Para Jean-Paul Sartre (1915–1980), principal representante do existencialismo francês, apenas as coisas e os animais são seres em si, isto é, têm uma essência. O ser humano, dotado de consciência, é um ser-para-si, ou seja, é também consciência de si. O que o faz diferente dos outros seres é ser capaz de construir sua própria existência, dar significado a ela, o que os animais e as coisas não podem fazer.

A existência precede a essência

“(…) há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito, e (...) este ser é o homem (...). Que significará aqui o dizer-se que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. (...) Mas que queremos dizer nós com isso, senão que o homem tem uma dignidade maior do que uma pedra ou uma mesa? Porque o que nós queremos dizer é que o homem primeiro existe, ou seja, que o homem, antes de mais nada, é o que se lança para um futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro. (...) Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é.”

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. pp. 11-12.

Para Sartre, “o ser humano não é mais que o que ele faz”. E acrescenta: “O importante não é o que fazem do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele”.

5 O que é o ser humano, afinal?

Há quem tenha respondido a essa pergunta de forma clássica: “somos animais racionais”. Mas as dúvidas persistem. Essa é uma definição clara? Seria a racionalidade uma característica específica e definitiva que distinguiria o ser humano dos outros seres?

“O que é o homem? Respostas é o que não faltam na história da filosofia. É o homem um animal político, como queria Aristóteles? Um animal falante, como também ele dizia? Um animal de duas patas sem penas, como afirmava com graça Platão? Um animal razoável, como pensavam os estoicos e depois os escolásticos? Um ser que ri (Rabelais), que pensa (Descartes), que julga (Kant), que trabalha (Marx), que cria (Bergson)? Nenhuma dessas respostas, nem a soma delas, me parece totalmente satisfatória.”

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário filosófico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

O ser humano é incompleto, ambíguo em seus desejos e aberto à liberdade de decisões. Assim, temos de concluir que nosso comportamento não é previsível, tampouco reconhecemos nossa “natureza” como claramente definível.

Podemos acertar, mas também errar: estamos disponíveis para construir um mundo melhor, mas igualmente para persistir nas ações movidas por egoísmo, inveja e cobiça.

6 Conclusão

Neste capítulo, procuramos mostrar que o tema da antropologia filosófica é a reflexão sobre o ser humano, a partir do “conhece-te a ti mesmo”, no esforço de cada um se compreender. Se em um primeiro estágio essa reflexão encontra-se ainda presa ao vivido, a antropologia filosófica visa ultrapassar a experiência imediata da vida e teorizar de forma crítica sobre o ser humano em geral.

Vimos que a grande tradição filosófica é essencialista. No entanto, a partir da modernidade, e intensificando-se a partir do final do século XIX, outras tendências se configuraram, não no sentido de encontrar um modelo válido em todo tempo e lugar, mas na tentativa de compreender, em cada contexto histórico-social vivido, quais são os projetos possíveis de humanização.

Ao afirmar que “o homem não é o que é, mas é o que não é”, o filósofo francês contemporâneo Georges Gusdorf não está fazendo um jogo de palavras, mas afirmando que o ser humano não se define por um modelo, por uma essência, nem é apenas o resultado daquilo que as circunstâncias fazem dele. Mas é capaz de antecipar, por meio de projetos, sua ação consciente sobre o mundo. Não há caminho feito, mas a fazer; não há modelo de conduta, mas processo contínuo de criação de valores e portanto da própria vida.

Reflita

Nos casos em que a conduta humana pode ser a melhor, mas também a pior, seríamos menos humanos? Os corruptos, os assassinos, os traidores, os fracos não seriam seres humanos?

Professor: Essas perguntas dão a oportunidade para abrir o debate sobre os direitos humanos; ver nas atividades a questão que se refere ao assunto.

Figura 5 • *Passageiros de ônibus* (1964), de George Segal. Essas figuras de gesso, quase fantasmagóricas, representam o anonimato das pessoas num mundo de atividades rotineiras e **deserotizadas**.



THE GEORGE AND HELEN SEGAL FOUNDATION. LICENCIADO POR AUTVIS, BRASIL, 2007

Glossário

Deserotizado. Contrário de erotizado. No sentido estrito, erotizar é excitar sexualmente. No texto, a atividade deserotizada é a que se faz sem prazer algum.

Exercícios dos conceitos

Professor: A questão visa a provocar o aluno a repensar os pressupostos filosóficos em que se baseiam suas escolhas, os valores que privilegia e a visão que tem de si mesmo e dos princípios a elas subjacentes.

- 1 Leia a tira de Calvin, no início da unidade, e discorra sobre o tema: Em que pressupostos me baseio quando escolho (ou abandono) uma escola, um trabalho, um casamento, um amigo?

Resposta pessoal.

- 2 Responda a estas questões:

- a) Há semelhanças entre o comportamento dos animais domésticos e o das pessoas?

Resposta pessoal, decorrente da observação dos animais domésticos e do comportamento de pessoas. Por exemplo: ambos demonstram afetos como medo, raiva, alegria; ambos se ocupam com jogos lúdicos (brincadeiras) e os animais, de certo modo, também aprendem.

- b) E diferenças, há?

Enquanto os animais agem por instinto e a aprendizagem é por adestramento, os seres humanos podem ser educados para agir por escolha, têm acesso ao mundo simbólico e, portanto, à linguagem e à historicidade: conhecem o passado e fazem projetos para o futuro. São capazes de invenção e transformam a natureza em cultura.

- c) Relacione e discuta as observações feitas por seu grupo e exponha-as para a classe.

- 3 À luz da definição de trabalho, explique por que os animais não trabalham.

Os animais agem de acordo com as reações típicas de sua espécie, reproduzindo comportamentos instintivos ou conforme adestramento. Mas não inventam, nem transformam a natureza, com a qual se encontram em harmonia.

- 4 Alcuíno foi um monge anglo-saxão do século VIII. Assim ele se referia a Virgílio, poeta latino do século I a.C., autor da *Eneida*: "Os poetas sacros devem bastar-vos; não há nenhuma razão para que devais **macular** vossos espíritos com o sensualismo exuberante do verso de Virgílio".

- a) O que o monge censurava na poesia de Virgílio?

A sensualidade dos versos de Virgílio, prejudicial ao espírito humano.

Glossário

Macular. Manchar, sujar.

- b) A afirmação resume a concepção de ser humano que prevaleceu na Idade Média. Explique-a.

Trata-se da orientação essencialista, segundo a qual existe um modelo de ser humano centrado na razão e no controle das paixões. A noção de natureza humana advém de valores cristãos, que devem ser protegidos a qualquer custo de influências perniciosas, como a sensualidade humana.

- 5 Nesta tira do quadrinista argentino Quino, há considerações relacionadas ao que foi discutido no item “O que é o ser humano?”. Responda às questões propostas.



Figura 6.

- a) Por que o comentário de Mafalda é irônico?

Mafalda, alterego de Quino, representa a descrença do quadrinista na humanidade, ou que prevaleçam as boas intenções de se construir um mundo melhor. Na tira, Mafalda zomba da ingenuidade esperançosa, simulando acreditar que sua mãe não estaria falando seriamente.

- b) Você concorda com o tom pessimista do comentário de Mafalda? Justifique sua resposta.

A resposta é pessoal. Mafalda é pessimista porque observa que o mundo é o lugar das guerras, do egoísmo, da exploração. A mãe, ao contrário, observa o mundo de modo otimista, na esperança da concórdia entre todos. Resta discutir, em uma posição ou outra, que o sentido da vida é uma busca incessante e necessária do ser humano.

- 6 Reveja as reproduções das obras *Retirantes*, de Portinari, e *Passageiros de ônibus*, de Segal. Releia suas legendas e responda:

- a) Considerando a natureza e a dignidade humanas, explique em que essas duas expressões artísticas diferem.

A tela de Portinari representa uma família do campo, ao passo que as esculturas de Segal retratam indivíduos urbanos.

- b) Apesar das diferenças, o que há em comum entre elas?

Ambas tematizam o sofrimento humano: *Retirantes* denuncia a injustiça

social que obriga pessoas a abandonarem sua terra, privadas de dignidade.

Passageiros de ônibus representa pessoas solitárias, obrigadas a tarefas

desinteressantes e pouco criativas. O que significa realizar-se no trabalho e na

vida, senão ser capaz – ou que lhe seja permitido – de bem viver?

Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

Professor: A antropologia e a pedagogia sugerem outros exemplos, sempre instigantes para discutir com os alunos. Veja mais orientações sobre o assunto no Plano de Aulas. Pode-se solicitar uma pesquisa sobre o tema. O caso das crianças-lobo é facilmente localizável em sites. Consulte: www.eses.pt/usr/ramiro/docs/etica_pedagogia/dicionario%20pedagogia. Há outros detalhadamente descritos em: SACKS, Oliver. *Um antropólogo em Marte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- 1 “Há homens desumanos à força de crueldade, de selvageria, de barbárie. Mas seria ser tão desumano quanto eles contestar sua pertinência à humanidade. Nascemos homens; tornamo-nos humanos. Mas quem não consegue se tornar, nem por isso deixa de ser homem. A humanidade é recebida, antes de ser criada ou criadora. (...) Não é uma essência, é uma filiação: homem, porque filho de homem.”

Considerando essa citação de Comte-Sponville, responda:

- a) O que você entende por “nascemos homens; tornamo-nos humanos”?

Se lembrarmos o exemplo de Hellen Keller, nos tornamos humanos pela

educação, quando somos introduzidos no mundo da linguagem simbólica, da

possibilidade da reflexão e da construção de uma ética.

- b) A partir dessa citação, qual seria a opinião do autor sobre tortura, castigos cruéis e pena de morte?

Os indivíduos cruéis são também seres humanos, porque todos nós podemos

acertar, mas também errar, já que somos livres e não temos uma “natureza”

definível. Portanto, deveríamos tratar aqueles indivíduos como seres humanos,

sem submetê-los a castigos cruéis e pena de morte.

- c) Qual sua opinião a respeito desses assuntos?

Resposta pessoal.

Professor: Discuta com os alunos a alegação de que “bandidos são desumanos, portanto, semelhantes aos animais”. De fato, os animais não agem por escolha, por isso não são nem bons nem maus. Os bandidos são humanos, praticam atos morais ou imorais, elogiáveis ou desprezíveis.

- 2 O que você entende destes versos de Murilo Mendes?

“Ainda não estamos habituados com o mundo.

Nascer é muito comprido.”

Professor: O aluno pode usar o termo “nascer” como o processo que se estende por toda a vida da pessoa que ousa assumir a constante “recriação” de si mesma e do mundo que a cerca.

Resposta pessoal.

- 3 Esta foto retrata o lugar sagrado de Delfos. Leia o fragmento do texto do filósofo brasileiro Danilo Marcondes e responda às questões propostas.



Figura 7. No lugar sagrado de Delfos havia, além do teatro e do templo de Apolo, diversos santuários, como este, denominado Tholos, em curiosa e bela construção circular.

“O surgimento da filosofia [na Grécia Antiga] representa o predomínio do que Nietzsche chama o ‘espírito apolíneo’, derivado de Apolo, o severo deus da racionalidade, da medida, da ordem e do equilíbrio. No período que antecede a filosofia, o ‘espírito apolíneo’ e o ‘espírito dionisíaco’ se contrabalançavam, completando-se mútua e dialeticamente. Com o desenvolvimento da razão filosófica e científica, o espírito apolíneo irá prevalecer, e o espírito dionisíaco, o desejo, a ‘afirmação da vida’, será progressivamente reprimido.”

- a) O que significa apolíneo e dionisíaco?

Apolíneo: referente a Apolo, deus da racionalidade, da medida, da ordem e do equilíbrio.

Dionisíaco: referente a Dionísio, deus da inspiração, do entusiasmo, do excessivo (o que extravasa) e, para Nietzsche, do desejo e da afirmação da vida.

- b) Qual é a crítica de Nietzsche ao desvinculamento entre o espírito apolíneo e o dionisíaco?

Esse desvinculamento foi prejudicial por sufocar os aspectos instintivos e vitais do ser humano.

- c) Qual é a consequência dessa crítica à concepção essencialista da natureza humana?

Nietzsche defende a concomitância entre o espírito apolíneo e o dionisíaco, que, aliás, prevaleceu entre os pré-socráticos, e critica o fato de a filosofia ter-se tornado cada vez mais apolínea, a partir de Sócrates. Estaria aí o nascimento da visão essencialista da natureza humana, herdada da tradição greco-cristã, centrada na racionalidade e desmerecedora dos valores vitais, instintivos.

4 (UFU) Escolha a única alternativa correta.

Segundo Sartre, “a existência precede a essência”. Essa afirmação pode ser interpretada como:

- a) O homem se define pelo caminho que vai trilhando em sua existência e não pelo significado do conceito de homem.
- b) A existência humana depende do plano que Deus determina para cada criatura.
- c) O materialismo define a vida, e o espírito não existe.
- d) O entendimento que se tem de “natureza humana” é o que vai direcionar a existência humana.
- e) A liberdade não participa do contexto da existência do homem.

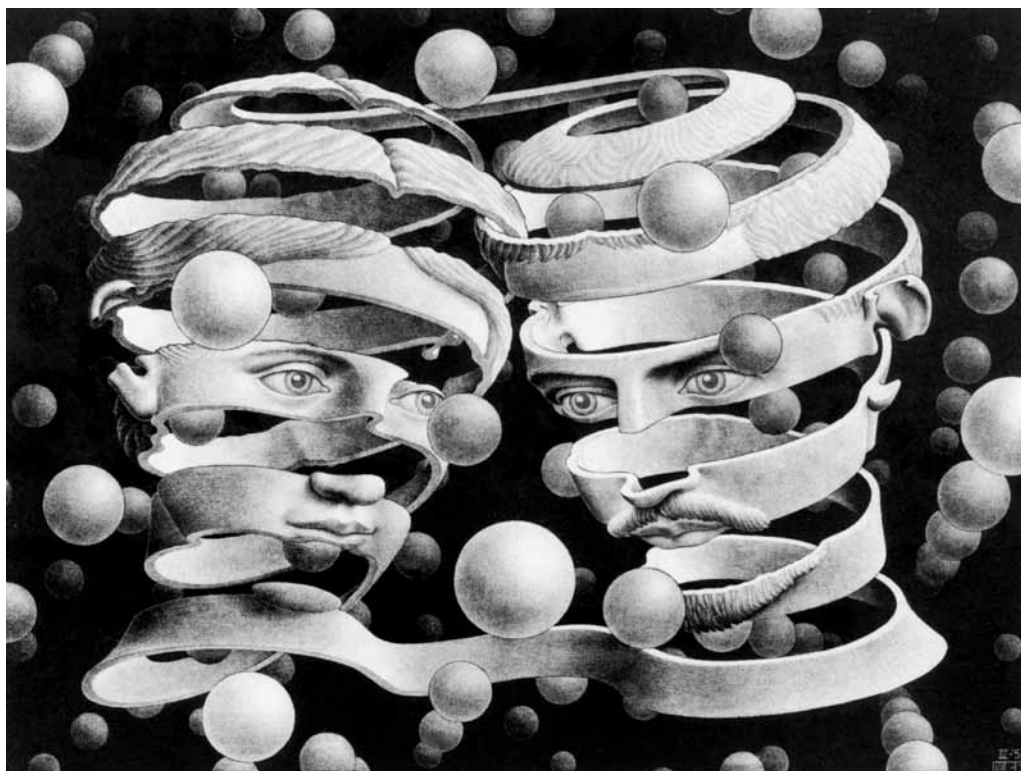
5 Justifique sua escolha com argumentos.

Sartre critica a tradição essencialista: não há um modelo de ser humano, porque “a existência precede a essência”. Cada um constrói sua existência como um projeto a ser realizado enquanto pensa e age.

Redação

Considerando o que você aprendeu sobre as características que tornam o ser humano diferente dos outros seres, redija em seu caderno um texto sobre o tema: “O homem não passa de um caniço, o mais fraco da natureza, mas é um caniço pensante” (Blaise Pascal).

Professor: Sugestão de encaminhamento: No início do capítulo distingue-se o ser humano do animal, graças à capacidade humana de representar o mundo simbolicamente. A busca do sentido, porém, nem sempre é satisfatória, devido à fragilidade humana, decorrente da incerteza, do risco e do erro. Por outro lado, a capacidade de argumentar e de escolher, ancorada na razão e na liberdade, é sua força.



2007 THE M.C. ESCHER COMPANY/HOLLAND

Figura 1 • *Laço de união* (1956), litografia de M. C. Escher. Duas espirais se fundem e representam, à esquerda, a cabeça de uma mulher e, à direita, a de um homem. Como uma fita sem fim, as testas ligadas uma à outra, as cabeças constituem uma unidade.

1 Modos de conhecer

“Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos. (...) Perdemos sem cessar nossas ideias. É por isso que queremos tanto agarrar-nos a opiniões prontas.”

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 259.

Essa citação é de dois filósofos franceses contemporâneos, e refere-se ao esforço constante que nos anima a compreender. Diante do caos — que não significa vazio, mas desordem — procuramos estabelecer semelhanças, diferenças, contiguidades, sucessão no tempo, causalidades. Desejamos “pôr ordem no caos”, porque só assim poderemos nos situar no mundo e ser capazes de agir sobre ele. Ao mesmo tempo, porém, os autores nos advertem sobre o risco de sucumbirmos à comodidade das opiniões prontas.

Professor: “Opiniões prontas” são aquelas que recebemos das pessoas com quem vivemos e sobre as quais não refletimos, porque aceitamos tais ideias como verdadeiras. Entre elas estão os preconceitos.

Reflita

No que consistiria o que os autores chamam de “opiniões prontas”?

Glossário

Sujeito cognoscente.
Sujeito que conhece
(em latim, cognoscere
significa conhecer).

1.1 O processo do conhecimento

O conhecimento consiste no esforço psicológico pelo qual nos apropriamos dos objetos por intermédio da sensibilidade e da inteligência. Nesse processo, distinguem-se o ato e o produto do conhecimento:

- o ato de conhecer diz respeito à relação entre o **sujeito cognoscente** e o objeto que pretende conhecer;
- o produto do conhecimento é o que resulta do ato de conhecer, ou seja, o conjunto de saberes adquiridos e conservados pela tradição.

Neste capítulo, vamos examinar o ato de conhecer, diante do qual os filósofos formulam as mais diversas indagações: o que é conhecer? Como conhecemos? O que é possível conhecer? Em que consiste a verdade? Qual é o critério de verdade? Essas questões são tratadas no campo filosófico que se chama teoria do conhecimento.

Vejamos de início os dois modos pelos quais conhecemos: a intuição e a razão.

1.2 A intuição

A intuição é um conhecimento imediato, alcançado sem intermediários: é um tipo de visão súbita. Por isso é inexprimível. Como poderíamos explicar em palavras a sensação do vermelho? Ou a intensidade do meu amor ou do meu ódio? Além disso, é um conhecimento impossível de ser provado ou demonstrado. No entanto, o conhecimento intuitivo é importante por possibilitar a invenção, a descoberta, os grandes saltos do saber humano.

A intuição expressa-se de diversas maneiras, entre as quais destacamos a empírica, a inventiva e a intelectual.

Intuição empírica

É o conhecimento dado pela experiência imediata, que pode ser sensível, se percebemos cores, odores, sabores etc.; ou psicológica, se intuimos nossas emoções, sentimentos e desejos.

Intuição inventiva

É a intuição do sábio, do artista, do cientista, quando criam novas hipóteses; também na vida diária, enfrentamos situações que exigem soluções criativas, verdadeiras invenções súbitas.

Intuição intelectual

É a que procura captar diretamente a essência do objeto. Descartes, por exemplo, quando chegou à consciência do *cogito* — do eu pensante —, considerou tratar-se de uma primeira verdade que não podia ser provada, mas da qual não se poderia duvidar. A partir dessa intuição, concluiu: “Penso, logo existo”, realizando uma intuição intelectual. Voltaremos a Descartes adiante.

1.3 A razão ou conhecimento discursivo

Para compreender o mundo, para “não mergulhar no caos”, a razão supera as informações concretas e imediatas recebidas da intuição, organiza-as em conceitos ou ideias gerais que, devidamente articulados, podem levar à demonstração e a conclusões consideradas válidas.

Você sabia?

Você conhece a famosa passagem do *Eureka* do sábio grego Arquimedes? Trata-se de uma história não comprovada, segundo a qual o sábio teria gritado “Eureka!” (Descobri!), ao intuir a solução de um problema físico sobre a densidade dos corpos.



Figura 2.

Diferentemente da intuição, a razão é por excelência a faculdade de julgar. O conhecimento discursivo opera por meio do encadeamento de **ideias**, de **juízos** e de **raciocínios** que levam a determinada conclusão. No módulo “Lógica e ciência” trataremos desses conceitos detalhadamente.

O conhecimento discursivo é abstrato. Como já vimos, abstrair significa “isolar”, “separar de”. Fazemos abstração quando isolamos, separamos um elemento que não é dado separadamente na realidade. Por exemplo, a ideia de copo independe de um determinado copo ter a forma hexagonal ou ser de cristal. O importante é o conceito ou ideia de copo, que é a representação intelectual do objeto e, portanto, imaterial, geral e abstrata: qualquer objeto que sirva para tomar líquidos.

Quanto mais abstrato um conceito, mais nos distanciamos da realidade concreta. Esse artifício da razão é importante para a superação do “aqui e agora” e para elaborar hipóteses explicativas do real. No entanto, toda vez que a razão se distancia da experiência vivida, sob algum aspecto o conhecimento se empobrece. Do mesmo modo, se ela permanecer no nível do vivido e da intuição, impede o distanciamento fecundo da razão que interpreta e critica.

Como se dá então o conhecimento? Pela relação contínua entre intuição e razão, entre vivência e teoria, entre concreto e abstrato.

2 A verdade

Sempre que perguntamos se um enunciado corresponde ou não à realidade, estamos diante do problema da verdade.

Na linguagem cotidiana, frequentemente confundem-se os conceitos de realidade e verdade. Para distingui-los de maneira simplificada, podemos dizer que realidade é tudo aquilo que existe, que é real. Já a verdade diz respeito a juízos, enunciados, verdadeiros ou falsos, sobre a realidade.

Um colar, um quadro, um dente, por exemplo, são reais, mas não verdadeiros ou falsos. Mesmo quando dizemos que um colar ou um dente é falso, o “falso” colar é uma verdadeira bijuteria e o “falso” dente, um verdadeiro dente postiço. Falso e verdadeiro não são conceitos, mas juízos, dizem respeito ao valor de verdade ou de falsidade de um enunciado.

2.1 Critérios de verdade

Essas questões nos fazem indagar sobre o critério de verdade: que sinal nos permite reconhecer a verdade e distingui-la do erro? Como podemos ter certeza sobre aquilo que conhecemos? A resposta a essa pergunta tem variado ao longo do tempo.

Há uma tradição na história da filosofia segundo a qual o critério de verdade é a evidência. Um enunciado verdadeiro seria o que corresponde à realidade, tal qual ela se mostra a nós. Os escolásticos, filósofos medievais, seguidores da tradição

Glossário

Ideia ou conceito. Representação mental, noção que temos de algo: o conceito de justiça, por exemplo.

Juízo ou proposição. Enunciado que relaciona dois conceitos entre si. Exemplo: Algumas pessoas são justas.

Raciocínio ou argumento. Encadeamento de juízos que encaminha para uma conclusão.

Refleta

Que diferença há entre *verdade* e *veracidade*? Veracidade diz respeito à moral: a pessoa não mente, mas diz o que considera verdadeiro, mesmo que esteja enganada. Se a pessoa não diz a verdade, é mentirosa, isto é, leva alguém a acreditar ser verdadeiro o que ela sabe ser falso.



Figura 3 • Mosaico com imagem da deusa romana Minerva (Atena, para os gregos). A coruja pousada em sua cabeça simboliza a sabedoria e, por extensão, a filosofia.

grega aristotélica, definem a verdade como “a adequação do nosso pensamento às coisas”. O juízo seria verdadeiro quando a representação é fiel ao objeto representado.

Esse critério de verdade lhe parece suficiente? Saiba, no entanto, que nem todos os pensadores estão seguros a respeito da possibilidade do conhecimento humano, de que seja possível alcançar a verdade. É o que veremos a seguir.

Professor: Consulte o Plano de Aulas. A bibliografia sugerida para você contém obras que permitem o aprofundamento de importantes temas. É uma oportunidade para retomar alguns assuntos estudados na universidade e refletir sobre o ensino de filosofia e suas práticas em sala. Poderá também indicar leituras complementares aos alunos que demonstrarem interesse por questões filosóficas específicas.

3 Podemos alcançar a certeza?

A discussão a respeito da capacidade ou não de o espírito humano atingir a certeza apresenta, desde a Antiguidade, duas tendências principais: o dogmatismo e o ceticismo.

3.1 O dogmatismo

Dogmatismo é a doutrina segundo a qual é possível à razão alcançar a certeza absoluta. Antes, porém, analisemos esse conceito sob a perspectiva da religião.

Chamamos dogma à verdade indiscutível de uma doutrina, porque o seu fundamento é a revelação divina. Na religião cristã, por exemplo, segundo o dogma da Santíssima Trindade, as três pessoas — Pai, Filho e Espírito Santo — são um só Deus. Trata-se de uma verdade aceita pela fé.

Do ponto de vista não religioso, consideramos dogmáticas as pessoas que se agarram a verdades não questionadas e inquestionáveis, como possuidoras da verdade, fixam-se nela e abdicam de continuar a busca. A esse respeito, Nietzsche já dizia que “as convicções são prisões”.

O dogmatismo filosófico afirma a capacidade da razão de conhecer a realidade. Nesse sentido, a maior parte dos filósofos da Antiguidade e da Idade Média foram dogmáticos, por não colocarem em questão a verdade do conhecimento.

O próprio Descartes, no século XVII, apesar de iniciar suas reflexões duvidando das opiniões dadas pelos costumes e até dos seus próprios sentidos, que nos enganam, estava propondo a “dúvida metódica”, um recurso que atingiria a verdade indubitável. Assim ele afirma:

“E enfim, considerando que todos os mesmos pensamentos que temos quando despertos nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que haja nenhum, nesse caso, que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava”.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. São Paulo, Abril Cultural, 1973. p. 54.

Refleta

Por que a coruja é o símbolo da filosofia? Segundo Hegel é porque essa ave noturna levanta voo quando cai o entardecer. Você sabe o que isso significa?

Professor: No século XIX, Hegel usa essa analogia porque a coruja, ave noturna, tal como a filosofia, alça voo após o entardecer. A filosofia é a compreensão racional das ações humanas realizadas. No entanto, há quem discorde e acrescente: a reflexão filosófica também pode antecipar ou acompanhar os acontecimentos, tal como acontece nos movimentos políticos.

Professor: As ditaduras latino-americanas e os totalitarismos nazifascistas são os exemplos mais óbvios de dogmatismo. Discuta outros com os alunos, como os dogmatismos religiosos (o fundamentalismo), sempre com o cuidado de, nesse último exemplo, não permitir desrespeito às crenças individuais.

Immanuel Kant (século XVIII) criticou o dogmatismo filosófico, na obra *Crítica da razão pura*. Nela, ao fazer a crítica da razão, definiu seus limites e as possibilidades do conhecimento. À luz dessa ideia, Kant chama de dogmáticos todos os filósofos anteriores a ele, por não terem proposto, como discussão primeira, a crítica do conhecer.

3.2 O ceticismo

Segundo o ceticismo mais radical, é impossível alcançar o conhecimento do real, por isso as pessoas não devem aspirar pela certeza absoluta, aceitando a dúvida constante. Nas tendências moderadas, o cético orienta-se para a suspensão provisória de qualquer juízo ou admite uma forma relativa de conhecimento (relativismo), reconhecendo os limites para a apreensão da verdade.

Na Antiguidade grega, o filósofo Górgias, sofista e cético (século IV a.C.), dizia: “Nada existe. Mesmo se existisse alguma coisa, não poderíamos conhecê-la; concedido que algo existe e que o podemos conhecer, não o podemos comunicar aos outros”.

Pirro de Élide (século IV-III a.C.) foi o grande representante do ceticismo. Acompanhou o imperador Alexandre Magno em suas expedições de conquista, oportunidade em que teve contato com muitos povos de valores e crenças diferentes. Como geralmente fazem os céticos, confrontou a diversidade das convicções, bem como as filosofias contraditórias, abstendo-se, no entanto, de aderir a qualquer certeza. A única atitude coerente do sábio é a suspensão do juízo e, como consequência prática, a indiferença absoluta em relação a tudo. É o que se chama pirronismo.

No século XVII, David Hume admitia estarmos subjugados pelos sentidos e pelos hábitos, o que reduz nossas certezas a meras probabilidades. Por isso dizia-se cético.

O ceticismo no Brasil

Dentre os brasileiros, o filósofo Oswaldo Porchat Pereira se autodenomina representante do neopirronismo. Para ele, nossa visão do mundo não passa de uma racionalização precária, provisória e relativa, que exige de nós uma revisão constante. De acordo com Porchat, apesar:

“(…) de sua postura cética, a filosofia se pode pensar sob o prisma da comunicação, da conversa, do diálogo, do **consenso** e... da relatividade. E, assim pensada, pode contribuir — e muito — para favorecer o entendimento entre os homens: tendo destruído as suas verdades, ela poderá eventualmente ensiná-los a conviver com as suas diferenças”.

PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. *Vida comum e ceticismo*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 252.

Refleta

O dogmatismo político é a posição dos “donos da verdade”, que negam o pluralismo e abrem caminho para a imposição da doutrina oficial do Estado ou do partido único. Dela decorrem a censura, as perseguições, a repressão. Você conseguiria ilustrar com fatos essa posição?

Glossário

Consenso. *Unanimidade de opiniões.*

4 A crítica do conceito tradicional de verdade

É complexa a discussão a respeito da possibilidade de atingirmos a verdade. Como vimos até aqui, são diferentes as posições defendidas pelos filósofos. Existe ou não a verdade? Esse tema foi objeto de pensadores como Nietzsche, Foucault e Rorty. Marx e Freud, que se ocuparam de questões concretas como a economia e a psicologia, também deram atenção a essa questão.

Glossário

Genealogia. *Genericamente, é o estudo sobre a origem de uma família ou indivíduo. Os filósofos Nietzsche e Foucault deram sentido específico ao termo.*

Refleta

Para Nietzsche, aceitar a renúncia, a paciência, a humildade e a resignação como virtudes é próprio do indivíduo ressentido, que pretende transformar em força sua fraqueza.

4.1 Nietzsche e a genealogia das ideias

O racionalismo exacerbado segundo o qual haveria um mundo “objetivo” a ser desvendado pela razão foi criticado no século XIX por Nietzsche. O método proposto por esse filósofo chama-se **genealogia**. Para o filósofo, o método genealógico investiga e questiona a origem das verdades e dos valores, a fim de denunciar aqueles que estão contra o “querer viver”. Esse procedimento realça os diferentes processos de instituição de um texto, mostrando suas lacunas e seus “espaços em branco” mais significativos, o que não foi dito, o que foi recalcado e o que permitiu escolher determinados conceitos como verdades absolutas e eternas.

Com esse procedimento, ele descobre que muitos dos conceitos de que temos certeza renegam nossos instintos, desvalorizando o que há de mais vital no ser humano. Para Nietzsche o único critério de avaliação é a vida, a identificação daquilo que favorece sua plenitude e do que a desmerece. Desse modo, o critério de verdade deixa de ser um valor racional para adquirir um valor de existência.

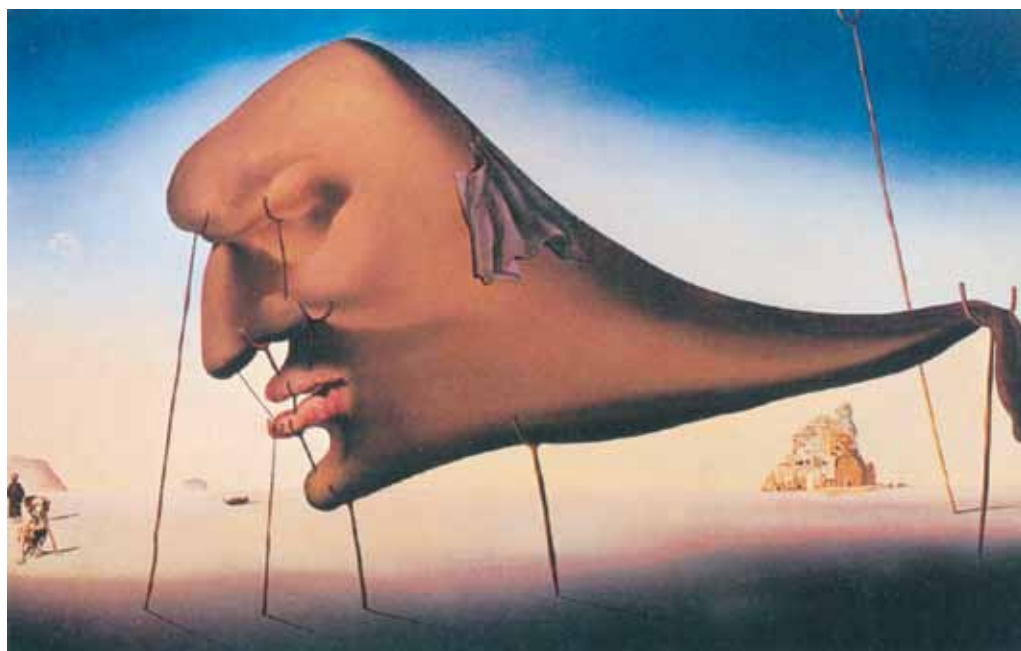
4.2 Marx e a ideologia

Também Marx, ainda no século XIX, procedeu a uma crítica da razão. Ele denuncia a ideologia como um discurso ilusório a serviço da dominação. A descrição de um mundo harmônico, em que todos trabalhariam para o bem comum, permite ao capitalismo mascarar as condições de exploração do trabalho e o fato de que as diferenças sociais sejam resultado da prevalência dos interesses da classe dominante. Para que os operários tenham percepção dessa sujeição, devem tomar consciência de que são explorados.

4.3 Freud e o inconsciente

No começo do século XX, Sigmund Freud, fundador da psicanálise, abalou profundamente as crenças racionalistas. À luz da hipótese do inconsciente, descobre o mundo oculto das pulsões, dos desejos, da energia primária da sexualidade e da agressividade. Eles constituem a raiz de todos os comportamentos humanos, mesmo daqueles que, à primeira vista, não parecem ser de natureza sexual ou agressiva.

Figura 4 • *Sono* (1937), de Salvador Dalí. O surrealismo do pintor está em consonância com as ideias freudianas do inconsciente. Nessa tela, o estado **onírico** permite que o fantástico se manifeste sem censura.



FOUNDATION GAL. A. SALVADOR DALÍ
LICENCIADO POR AUTVVIS, BRASIL, 2007

Glossário

Onírico. *Relativo a sonho.*



4.4 Foucault e Rorty

O filósofo francês Michel Foucault e o norte-americano Richard Rorty, entre outros, criticam, a partir da segunda metade do século XX, o conceito clássico de verdade. Foucault, influenciado por Nietzsche, busca a genealogia dos saberes, que se tecem no exercício de um poder difuso nas práticas culturais. O que está dissimulado, escondido, não revelado. Esse é o procedimento inseparável da crítica da razão e do seu poder de conhecer o mundo.

Rorty, por sua vez, critica o conceito de verdade como “representação”, como a capacidade de a razão perceber fielmente o objeto, tal como um grande espelho que refletiria a realidade. O que se alcança não é a verdade objetiva, mas as proposições validadas no processo argumentativo em busca de um consenso.

Professor: No século XX, além dos filósofos citados, Deleuze, Guattari, Lyotard e Habermas também recusaram o conceito clássico de representação.

5 Conclusão

Diante das diversas maneiras de explicar os limites e as possibilidades do conhecimento, o importante é não sucumbir nem ao ceticismo radical nem ao dogmatismo. Como vimos, o cético radical recusa-se a filosofar; o dogmático, por sua vez, se aloja na comodidade das verdades absolutas. Resta-nos aceitar o espanto, a admiração e a controvérsia que resultam do movimento contínuo entre certeza e incerteza, o que não significa renunciar à busca do conhecimento.

Em resumo, para a filosofia contemporânea não existe a realidade por trás dos conceitos, como tentavam demonstrar os antigos, o que não significa admitir o relativismo ou a impossibilidade do conhecimento. A verdade continua como um propósito humano necessário e vital, que supõe o exercício da liberdade de pensamento e o diálogo, pelo qual os indivíduos compartilham as interpretações possíveis do real.

Retomando a frase de Deleuze e Guattari citada no início do capítulo, todo conhecimento precisa ser constantemente revisitado pela crítica, com a construção de novas teorias filosóficas e científicas, a fim de nos prevenirmos contra as opiniões prontas.

Exercícios dos conceitos

Professor: É muito importante que, ao terminar este módulo, o aluno tenha aprendido a distinguir claramente os conceitos do esquema. Sugere-se uma aula de revisão sobre o assunto. Ao iniciar o módulo sobre Ética, retome sobretudo a distinção entre conceitos e juízos.

Professor: O aluno deve perceber que todas as respostas argumentativas dadas nas questões filosóficas propostas nesse módulo são discursivas.

- 1 Faça um esquema para descrever os elementos compreendidos no processo do conhecimento.

1. No processo do conhecimento distinguem-se: o ato de conhecer e o produto do conhecimento.
O ato de conhecer é a relação entre o sujeito e o objeto.
O produto do conhecimento é o que resulta do conhecer.
2. O ato de conhecer se faz de dois modos: pela intuição e pela razão.
3. A intuição pode ser: empírica, inventiva, intelectual (entre outras).
4. A razão (ou conhecimento discursivo) se faz por meio de conceitos, juízos e raciocínios.

- 2 Quais as principais características do conhecimento intuitivo? Ele ocorre em seu cotidiano? Dê exemplos.

A intuição é um conhecimento imediato e inexprimível. Ela ocorre quando uso os sentidos (reconheço uma flor pelo odor, percebo a aspereza da lixa pelo toque), quando percebo que tenho ciúmes, quando encontro a solução súbita de um problema de matemática etc.

- 3 O que é conhecimento discursivo? Dê exemplos diferentes dos já citados.

É o conhecimento que opera por meio do encadeamento de ideias, juízos e raciocínios, até chegar a uma conclusão. Por exemplo: argumentar sobre por que as pessoas que cometem crime devem ser julgadas e punidas; justificar que o estudo vale para a vida e não para conseguir nota na prova.

- 4 Leia com atenção esta citação de George Kneller e explique quais são as vantagens e desvantagens da abstração.

"A ciência elimina a maior parte da aparência sensível e estética da natureza. Poentes e cascatas são descritos em termos de frequências de raios luminosos, coeficientes de refração e forças gravitacionais ou hidrodinâmicas."

A ciência abstrai as informações dos sentidos a fim de generalizá-las e identificar as regularidades da natureza que permitem estabelecer as leis naturais. Nesse movimento, no entanto, ela distancia-se da realidade objetiva, da subjetividade, da sensibilidade.

- 5 Observe estas imagens, reproduções de uma obra de Vermeer (século XVII) e de uma tela de Meegeren (século XX), este um falsário que imitava o estilo dos pintores holandeses.

Apesar de falsos, os trabalhos de Meegeren são tão bons que foram adquiridos pelo Museu de Washington. A propósito desse fato, explique por que o falso e o verdadeiro não são de natureza conceitual, mas juízos.



FRANCIS G. MAYER/CORBIS-LATINSTOCK

Figura 5 • A moça do brinco de pérola (ca. 1665), de Jan Vermeer.



MUSEUM BOIJMANS VAN BEUNINGEN, ROTTERDAM

Figura 6 • Jesus e os discípulos (1937), de Han van Meegeren.

As telas de Meegeren eram telas reais, em si nem verdadeiras nem falsas. A afirmação sobre a falsidade é um juízo de valor: "aquelas telas não são de Vermeer" ou "aquelas telas são falsos Vermeer". À realidade não se aplicam valores de verdadeiro ou falso, uma vez que as telas falsas de Vermeer eram telas reais de Van Meegeren.

- 6 "O filósofo é crítico, embora não seja cético. Não desespera da verdade, mas recusa todas as certezas, considerando-as provisórias e sujeitas a serem relativizadas por novos argumentos" (Sérgio Paulo Rouanet).

Interprete a citação respondendo às questões sobre o que é:

- a) um filósofo cético;

Para o cético radical, é impossível alcançar o conhecimento do real; já o cético moderado orienta-se para a suspensão provisória de qualquer juízo ou admite que o conhecimento é possível, porém considera-o relativo.

Professor: O aluno pode justificar tanto uma como outra posição. Faça-o perceber que os filósofos contemporâneos, ainda quando colocam em questão a capacidade de conhecer, aceitam o movimento contínuo entre certeza e incerteza; no entanto, buscam o consenso pela discussão, para superar os radicalismos das tendências céticas ou dogmáticas.

b) um filósofo dogmático.

É o filósofo confiante na capacidade da razão de conhecer a verdade. Segundo Kant, que fez a crítica da razão, a maior parte dos filósofos anteriores a Hume foram dogmáticos.

c) Na sua opinião, é possível recusar o ceticismo e o dogmatismo? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal.

Retomada dos conceitos

Professor: Consulte o Banco de Questões e incentive os alunos a usar o Simulador de Testes.

1 Defina os conceitos a seguir usando dicionários. Em seguida, redija um parágrafo para cada grupo, fazendo referência aos conceitos estudados no capítulo:

a) Erro e ilusão.

Erro: engano. Ilusão: falsa impressão.

Resposta possível: Os sentidos podem me levar ao erro. Exemplo: de longe, confundo alguém com outra pessoa. Marx denunciou a ilusão (a ideologia) que nos faz ver harmonia social onde existe divisão de classes.

b) Verdade e veracidade.

Verdade: o que está de acordo com o real.

Veracidade: capacidade de dizer a verdade.

Resposta possível: Não posso dizer se minha conclusão, a partir do que você afirma, é verdadeira. Dependo da veracidade do seu testemunho. Pode ser que você esteja mentindo.

c) Opinião, crença e hipótese.

Opinião: modo de pensar, ideia sem fundamento.

Crença: fé, convicção.

Hipótese: suposição.

Sugestão de resposta: É difícil ter certeza absoluta porque nossos conhecimentos são muitas vezes opinativos, baseados em crenças herdadas da comunidade em que vivemos ou baseados em suposições sem provas.

- 2 “O coração tem suas razões, que a razão não conhece”, afirma o filósofo Blaise Pascal; e completa: “percebe-se isso em mil coisas”, entre elas, o que diz respeito à fé: “É o coração que sente Deus, e não a razão”.

a) Que tipo de conhecimento é a fé religiosa?

A fé religiosa fundamenta-se na revelação divina, nos documentos sagrados, no sobrenatural.

b) Em que ele se distingue de outras espécies de conhecimento?

Ele prescinde de provas racionais e argumentos, por depender de uma adesão voluntária e da graça divina. No entanto, a fé pode ser fortalecida pela razão, tal como os religiosos que escrevem uma apologética, a defesa racional da fé. Os religiosos cristãos medievais recorriam à filosofia, embora a considerassem “serva da teologia”.

c) O conceito de fé é aplicável exclusivamente à religião?

Num sentido não religioso, todos nós temos fé, se tivermos esperança num mundo melhor, no amor, na justiça, e assim por diante.

- 3 À luz da afirmação de Deleuze e Guattari, citada no início do capítulo, interprete a tira de Laerte sobre o caos.

Deleuze e Guattari referem-se à constante tentativa de, mediante o conhecimento, “organizar o caos” que nos levará ao “cosmos”, à ordem e à compreensão do mundo. O caos, no entanto, nos assalta intermitentemente. Por isso a tentação do dogmatismo, do conforto das certezas e das opiniões prontas. Laerte brinca com essa dificuldade humana de aceitar a dúvida e a incerteza, mostrando um “caos organizado”, o que representa uma contradição.



Glossário

Inferência causal.

Processo lógico que, a partir de enunciados, conduz a uma conclusão; no contexto, conclusão sobre as causas.

A priori. Do latim, "anterior à experiência": o que não depende da experiência.

- 4 (UEL) "Assim como a natureza ensinou-nos o uso de nossos membros sem nos dar o conhecimento dos músculos e nervos que os comandam, do mesmo modo ela implantou em nós um instinto que leva adiante o pensamento em um curso correspondente ao que ela estabeleceu para os objetos externos, embora ignoremos os poderes e as forças dos quais esse curso e sucessão regulares de objetos totalmente dependem." (HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Unesp, 1999, pp. 79-80.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a teoria do conhecimento de Hume, assinale a alternativa correta.

- a) Para Hume, o princípio responsável por nossas **inferências causais** chama-se instinto de autoconservação.
 - b) Entre o curso da natureza e o nosso pensamento não há qualquer correspondência.
 - c) Na teoria de Hume, a atividade mental necessária à nossa sobrevivência é garantida pelo conhecimento racional das operações da natureza.
 - ☒ d) O instinto ao qual Hume se refere chama-se hábito ou costume.
 - e) Segundo Hume, são os raciocínios **a priori** que garantem o conhecimento das questões de fato.
- 5 O filósofo Hume pertence à corrente dogmática ou cética? Justifique sua resposta com argumentos.

Hume é cético. Para ele estamos subjugados pelos sentidos e pelos hábitos, o que reduz nossas certezas a meras probabilidades.

Redação

Considerando que a racionalidade se constrói mediante o esforço pessoal de argumentar e o diálogo, elabore uma dissertação com o tema: "A razão funciona dentro de nós e entre nós". (Fernando Savater)

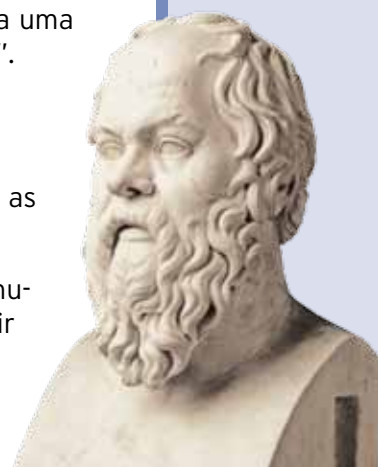
Professor: Valeria realçar que o desenvolvimento da racionalidade se dá mediante o esforço pessoal argumentativo que leva o sujeito a conclusões e ao julgamento (bem/mal, verdadeiro/falso). Por isso ela supõe também as crenças, os diferentes caminhos na busca do conhecimento. A razão funciona *entre* nós porque se constrói não apenas pela reflexão interiorizada, mas também pelo diálogo, na atividade intersubjetiva que permite confrontar as certezas e mobilizar o pensamento.

Desafio: Entrevista com Sócrates

Em grupo, preparem e apresentem aos colegas uma entrevista para uma rádio imaginária sobre o tema “Sócrates: a filosofia de ontem e de hoje”.

Preparar a entrevista

- 1 Pesquisar em livros e sites de filosofia informações sobre a vida e as ideias de Sócrates.
- 2 Elaborar as perguntas e respostas para uma entrevista de 10 a 15 minutos. Recorrer à linguagem simples e rápida própria do rádio, sem abrir mão do rigor ao apresentar os conceitos-chave do pensamento socrático.
- 3 Na elaboração do roteiro do programa, contemplar os seguintes aspectos:
 - a) Apresentação biográfica e introdutória sobre Sócrates.
 - b) Resumo das principais ideias do pensamento do filósofo “entrevistado”.
 - c) Criar perguntas e respostas sobre a importância de Sócrates na filosofia.
 - d) Apresentar as críticas que Nietzsche faz às ideias socráticas.



Professor: Importante lembrar aos alunos que Sócrates nada escreveu. Atente para que, ao citar trechos atribuídos a Sócrates, deve ficar claro para eles que são referências ao pensamento socrático escritas por filósofos, historiadores, dramaturgos etc. Por isso convém exigir que indiquem a bibliografia utilizada, a fim de valorizar a importância deste item nos trabalhos escolares, ainda que este Desafio não tenha de ser apresentado sob a forma escrita.

A atividade pode se desdobrar para um trabalho interdisciplinar com o professor da área de Códigos e Linguagens. Juntos vocês podem preparar um pequeno projeto de trabalho, para que as classes, eleitas a(s) melhor(es) apresentação(ões) para o “rádio”, adaptem em grupos o(s) roteiro(s) para a linguagem televisiva. A atividade final será um programa telejornalístico ou um talk show.

Preparar a apresentação

Antes de apresentar o programa, o grupo deverá:

- a) dar um nome ao programa filosófico no qual será veiculada a entrevista.
- b) escolher o apresentador/entrevistador e quem representará Sócrates.
- c) preparar as “chamadas” para anunciar a apresentação do programa, e convidar os “ouvintes” a participarem;
- d) preparar a locução, a sonorização etc., para incrementar a apresentação do “programa”.

Apresentar

Para a apresentação em classe, o grupo pode:

- a) encenar ao vivo.
- b) gravar previamente a entrevista para audição em sala.



Editora chefe: Maria Beatriz de Campos Elias
Editora executiva: Angélica Pizzutto Pozzani
Edição e preparação: Carlos Zanchetta
Assistência editorial: Vivian Lobato Fonseca Ferreira
Coordenação de design e projetos visuais: Sandra Botelho de Carvalho Homma
Projeto gráfico: Signorini Produção Gráfica
Coordenação de produção gráfica: André Monteiro, Maria de Lourdes Rodrigues
Coordenação de arte: Aderson Oliveira
Edição de arte: Benedito Reis Minotti, Fabio Ventura, Ricardo Yorio, Roberto Figueirinha
Ilustrações: Fabio Ventura
Coordenação de revisão: Estevam Vieira Lédo Júnior
Revisão: Carmen Olivieri, Solange Lemos
Coordenação de pesquisa iconográfica: Ana Lucia Soares
Pesquisa iconográfica: Maria Magalhães
 As imagens identificadas com a sigla CID foram fornecidas pelo Centro de Informação e Documentação da Editora Moderna.
Coordenação de bureau: Américo Jesus
Tratamento de imagens: Evaldo de Almeida, Fabio N. Precendo, Rubens M. Rodrigues.
Pré-impressão: Helio P. de Souza Filho, Marcio Hideyuki Kamoto
Coordenação de produção industrial: Wilson Aparecido Troque

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados.

SANTILLANA

Rua Padre Adelino, 758 – Belenzinho
 São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904
 Vendas e Atendimento: Tel. (11) 2602-5510
 Fax (11) 2790-1501
www.uno-internacional.com
 0800 55 16 11
 2013

FILOSOFIA

Maria Lúcia de Arruda Aranha